

DRÁCULA

O Príncipe das Trevas

SEPULCRO
MALDITO



L P BACAN



SEPULCRO MALDITO

L P Baçan



Edição Eletrônica: L P Baçan

All rights reserved

Copyright © 2017 do Autor

Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.

Venda Proibida.

2017

livro cinco

SEPULCRO MALDITO

CAPÍTULO 1

A neblina suave que deixava o Sena e avançava pelas ruas dava aos prédios um aspecto fantasmagórico acentuando os contrastes entre as construções velhas e as modernas.

A umidade grudava-se às paredes e telhados, escorrendo gotejante pelas janelas e embaçando os vidros. Naquele final de outono, os parisienses já podiam ter idéia do rigor do inverno que se aproximava.

As famílias se reuniam ao redor da lareira, ouvindo música ou vendo televisão. Jovens estudantes apressavam-se em direção às estações do metrô e boêmios caminhavam sem um destino certo.

A cidade estava viva, porém, sob aquela cortina diáfana de neblina. Seus bares, cafés, restaurantes e boates regurgitavam. A música e a bebida eram oferecidas a todos os gostos.

O Saint Denis, um café antigo, já tradicional a seus freqüentadores, não recebia a quantidade habitual de fregueses. Uma partida da Seleção Francesa, parecia haver deixado suas mesas e o balcão às moscas.

Apenas algumas garotas sonolentas acomodavam-se displicentemente nos tamboretos ao longo do balcão de madeira, todo manchado apesar do cuidado constante do encarregado, que polia com um velho pano ensebado.

A entrada de um cliente provocou um ligeiro alvoroço nas garotas, mas riram entre si ao perceberem o rapaz de gestos afeminados que sentou a uma das mesas e pediu conhaque puro com a voz de falsete.

No extremo mais claro do salão, iluminado por um lustre duplo de luz fria, três garotas brincavam com seus copos quase vazios, girando-os, erguendo-os contra a luz, levando-os aos lábios excessivamente pintados ou simplesmente tamborilando suas unhas compridas e esmaltadas sobre o vidro.

— Diabo de noite! — murmurou uma delas. — O que há com os homens, afinal? Sentam-se diante de um gramado e ficam observando vinte e dois marmanjos correndo atrás de uma bola...

— Eu particularmente, acho isso muito excitante — resmungou uma delas, com um acento de malícia na voz preguiçosa.

— Você...

— Acalme-se. Quando o futebol terminar, se já não terminou... — Pierre, o jogo já terminou? — indagou, elevando a voz para que o rapaz junto ao caixa, diante do televisor, pudesse ouvi-la.

— Sim, estão nos comentários agora...

— Eu não lhe disse, Marie? Logo eles estarão aqui. Tranqüilize-se.

Marie Vallué era a mais bonita das três. Talvez seu cuidado com a maquiagem, evitando exageros, a fizesse mais tentadora e desejável que as outras.

Ninon e Chamy já ostentavam aquela classe distinta e reconhecível das prostitutas veteranas com clientela certa. Seus gestos e maneiras eram escachados e, detrás da grossa e berrante camada de maquiagem, havia rostos cansados e marcados pela vigília de todas as noites.

— Cruz credo! — disse o rapaz que chegara a pouco, soltando sobre a mesa o jornal que lia com atenção.

As garotas se voltaram para ele e franziram os lábios, num sinal de desaprovação.

— Vejam só! — continuou ele. — Vocês acreditam em vampiros?

As três se entreolharam. No outro extremo do balcão uma garota rechonchuda que tomava licor de hortelã riu debochada. Ao perceber que os olhares se voltavam para ela, calou-se e debruçou-se sobre seu copo.

Um velhote, ao fundo, levantou a cabeça com rapidez e, em seus olhos sonolentos havia um temor instintivo. Fez o sinal da cruz. Marie tocou o braço de Ninon e lhe apontou o velho.

Este apanhou seu copo e, ao percebê-lo vazio, fez um sinal para o garçom. Este retribuiu com um gesto característico, esfregando o dedo indicador no polegar.

O velho entendeu e apalpou os bolsos até encontrar uma nota ensebada de um franco. Ergue-a diante dos olhos para o rapaz também a visse.

Este foi até a prateleira, serviu uma dose de conhaque, depois passou pela torneira da pia e completou o copo com água.

Levou-a até o velho, cujos olhos brilharam agradecidos. O garçom retornou ao seu posto. Ao passar diante das garotas, Marie o recriminou com um olhar. Ele foi entregar o dinheiro ao rapaz do caixa, depois voltou e parou diante dela.

— Ele sempre fica feliz quando vê o copo cheio. Quando seu dinheiro não dá para pagar isso, eu dou um jeito, só para alegrá-lo. — explicou Pierre.

Um automóvel grande e reluzente parou diante do café. Pelos vidros embaçados notava-se que seu ocupante era um homem refinado.

Marie e as outras se entreolharam e corrigiram a postura sobre o tamborete, mas o motorista não desceu do veículo. O rapaz que lia jornal, no entanto, com um ar enfadado se levantou, arrumou o cabelo com um gesto rápido e feminino, depois caminhou para a porta.

— Eu sinto muito, queridinhas — disse deixando o café e indo para o carro.

Quando este partiu. Marie balançou a cabeça de um lado para outro. Depois olhou o jornal que ele deixara sobre a mesa.

Ergueu-se preguiçosamente e foi até lá, apanha-los.

— Você acredita em vampiros? — leu, em voz alta, a manchete em letras garrafais.

— Está mesmo aí? — indagou Ninon.

— sim, parece interessante. Vou ler, depois passo para você — disse Maria, voltando o jornal a favor da luz.

Ia começar a ler, quando um outro veículo parou à porta. Não era tão grande, mas parecia novo e muito bem cuidado. O negro de sua carroceria ganhava um fascínio especial com os frisos cromados e reluzentes.

Por algum tempo ficou parado ali. Marie abaixou os jornais e tentou ver o motorista, mas o vidro embaçado não o permitia.

Olhou para suas amigas.

— É um desses tipos indecisos — comentou Ninon, com um riso malicioso nos lábios.

— Sendo assim, por que não encorajá-lo? — propôs Chamy, deixando seu tamborete e indo até o vidro da janela.

Esfregou-o com as costas da mão, depois fez um gesto encorajador ao motorista, que olhava em sua direção. Ele desceu finalmente, contornou o veículo e se aproximou da porta.

Quando entrou, todos os olhares se voltaram para ele. Era alto e magro, o rosto pálido onde sobressaíam os lábios grossos e as sobrancelhas espessas e negras.

Os cabelos, cuidadosamente assentados, e as roupas distintas fizeram as três garotas suspirarem. Ele correu os olhos pelo interior do salão, antes de fechar a porta atrás de si.

Caminhou até o balcão. Havia certa autoridade e imponência em seu modo de andar. Um brilho fascinante em seus olhos magnetizava e provocava suspiros.

Marie dobrou o jornal e deixou-o sobre o balcão, voltando-se para ele. Era uma boa promessa para aquela noite miserável. Rico e distinto, na certa deveria ser muito generoso com suas amantes.

— O que vai ser? — indagou Pierre, pondo-se diante dele.

O recém-chegado passou os olhos pela prateleira. Não parecia disposto a beber, mas, de repente, qualquer coisa pareceu desafiá-lo.

— Conhaque... O melhor que tiver — pediu com sua voz metálica.

Marie reconheceu nele, definitivamente, alguém de autoridade, que sabia ordenar e ser obedecido com presteza. Pierre se voltou para a prateleira, olhou as garrafas, depois estendeu a mão para uma delas.

Apanhou um saca-rolhas e a abriu. Trouxe um copo para diante do homem e olhou-o, antes de servi-lo.

— São dez francos a dose, senhor.

O outro levantou os olhos para ele, fazendo-o entender que a observação era desnecessária e totalmente inadequada. Qualquer coisa naquele olhar fez Pierre estremecer e apressar-se em servir.

O desconhecido retirou uma nota de sua carteira e depositou-a sobre o balcão. Em seguida apanhou o copo, levou-o até o nariz e, por instantes, aspirou o aroma da bebida.

A expressão de seu rosto nada traduziu. Ele levou o copo aos lábios e provou. Cuspiu de volta e olhou Pierre com reprovação e fúria:

— Não precisa pagar, senhor — disse Pierre, empurrando a nota de volta, sem entender ao certo o que o fizera agir daquela maneira.

O desconhecido olhou com desprezo a nota, depois se voltou para Marie e mediu-a cuidadosamente. Sorriu e havia algo de encantador e fascinante em seu sorriso.

— Sei onde encontrar bebida de qualidade — disse ela.

— Onde? — quis saber ele.

— Um clube aqui perto... Você me leva lá? — indagou ela, com um sorriso malicioso que tornou seu rosto brilhante e cheio de provocação.

Ele fez um gesto indicando a porta. Marie caminhou adiante dele.

— Garota de sorte — resmungou Chamy, quando o veículo já havia partido, arrancando aos solavancos.

— Se for tão bom amante quanto motorista, Marie vai se arrepender desta noite — murmurou Nino, estendendo a mão e apanhando o jornal.

Ergueu-o diante dos olhos, após consultar o relógio. Até que deixassem o estádio e voltassem, os homens demorariam a aparecer.

Leu durante algum tempo a principal manchete, depois, riu com incredulidade, empurrando o jornal para Chamy.

— Veja só... Como alguém pode se dar ao trabalho de escrever e publicar algo tão idiota... E tem até um professor metido no meio! — disse, embora seu rosto revelasse certo temor instintivo.

— Não gosto de ler essas bobagens... Tiram-me o sono — disse Chamy.

— Leia, você vai gostar. Um vampiro é pálido... Esse, em particular, é muito distinto e tem alguns séculos. Seu nome é Vlad Lucard e pode estar em qualquer parte do mundo neste momento.

— Se é pálido e distinto como o cavalheiro que saiu com Marie, eu não me importaria que ele sugasse meu sangue... Desde que ele me desse algum prazer e algum lucro — afirmou Chamy, rindo com deboche.

— Loucas... Loucas e descuidadas é o que vocês todas são — disse o velhote, no fundo do salão, com voz pastosa.

— Eu não devia ter saído esta noite — disse Nina, com desânimo, terminando o conteúdo de seu copo e fazendo um sinal para que Pierre a servisse novamente.

Hilgenstiller avivou o fogo da lareira, depois apanhou seu exemplar diário do Le Roy, importante jornal francês, e foi se sentar na confortável poltrona forrada de couro.

Descalçou os chinelos felpudos e, por instantes, manteve-os dirigidos contra o calor agradável que vinha do fogo. Depois os calçou novamente, acendeu seu cachimbo predileto e abriu o jornal.

Já havia lido e relido aquela página inúmeras vezes, com especial atenção e redobrado orgulho. Era, de algum modo, o responsável por aquilo.

Venha tentando, junto a todos os importantes periódicos do mundo, a publicação daquele alerta. Não tinha notícias de novos ataques de Drácula, mas sabia que cedo ou tarde eles aconteceriam.

Se o mundo estivesse preparado, talvez a tarefa de achá-lo e destruí-lo fosse mais fácil. Isso poderia se concretizar agora que seus apelos haviam sido atendidos.

Pensou em especial carinho em Dominique Pinon, a redatora-chefe do Le Roy. Não a conhecia, mas valorizava uma mulher com a sua coragem. Uma reportagem como aquela tinha tudo para ser ridícula, mas ela soubera dar-lhe o tratamento adequado de um alerta.

Precisava conhecê-la e agradecê-la. Talvez encontrasse nela uma importante aliada em sua solitária cruzada contra o vampiro.

Fechou os olhos, por instantes, baixando o jornal. A lembrança dos crimes hediondos daquele monstro povoava seu cérebro, martirizando-o.

Não haveria paz, enquanto Drácula não fosse exterminado e sua figura grotesca e sanguinária deixasse de pairar sobre a humanidade como a pior das ameaças.

Ao abrir os olhos seu olhar pousou direto sobre a moldura de prata com o retrato de Larah, sua filha, na cornija da lareira.

Estremeceu, como que ferido por uma dor profunda. O olhar brilhante da filha, seu riso fácil, sua inteligência e sua alegria, seu amor por ele, tudo isso se fora, maculado pelas presas e pelos lábios sedentos de sangue e morte de um ser que a própria natureza rejeita.

Lera tudo sobre vampirismo, tentara entender, afinal aquele estranho e amaldiçoado fenômeno, mas ele fugia ao seu conhecimento.

Forças ocultas que desafiavam o conhecimento científico haviam gerado aquele bastardo infernal, aquele príncipe das trevas, aquele demônio assassino.

Não podia haver ternura ao fitar o retrato. Havia nele sede de vingança, apelo por justiça.

Isso o obrigava a estar preparado. Sabia que Drácula, a qualquer momento, voltaria a atacar, se já não o estivesse fazendo.

As armas contra ele, no entanto, eram tão frágeis. Se ao menos pudesse atingi-lo à distância, mas como fazer isso? Drácula era uma sombra maligna, vagando pelo mundo, embriagando-se de sangue e de volúpia criminosa.

Estacas de madeira, crucifixos, água benta, réstias de alho, tudo tinha sua eficácia, mas como atingi-lo com essas coisas, se ele se escondia tenebrosamente. Primeiro era preciso encontrá-lo, mas até então sempre chegara tarde ou falhara.

Era preciso impor um método àquela perseguição, mas como lutar contra uma sombra? Como enfrentar um ser que se esvai, metade homem, metade fera? Como encurralar a metamorfose horrenda?

Essa sensação de impotência se tornava angustiante diante do olhar terno e feliz da filha, no retrato. Hilgenstiller cobriu o rosto com as mãos e orou com fervor, suplicando que Deus o ajudasse a destruir aquela maldição infame.

O telefone tocou, sobressaltando-o. Ergueu-se apressadamente. Não recebia telefonemas com freqüência, daí a razão da expressão intrigada que surgia em seu rosto.

— Ligação Internacional para o Prof. Hilgenstiller...

— Sou eu, pode completar — disse ele, em seu sofrível francês.

— Alô! É o Prof. Hilgenstiller? — indagou uma voz feminina, após alguns instantes.

— Sim, ele mesmo — respondeu, agora mais curioso que antes.

— Aqui é Dominique Pinon, professor... Leu meu jornal hoje?

Um sorriso cordial desenhou-se em seus lábios descorados e ele puxou para perto de si uma cadeira. Sentou-se.

— É uma satisfação falar com a senhora. Não pode avaliar o quanto lhe sou grato por acreditar em mim...

— Serei breve, professor. Sua carta, com todos aqueles detalhes, me impressionou muito. Seria difícil para o senhor vir até Paris? Gostaria de tratar o assunto com mais profundidade. Seu relato fascinou-me. Suas provas são convincentes. Eu queria saber tudo realmente sobre o vampiro. Acha que poderá vir?

— Já estou indo, Sra. Pinon — afirmou, esperançoso.

CAPÍTULO 2

Marie Vallué recuou, horrorizada, fitando aquele ser retorcido e transfigurado, de cujos lábios grossos escoria um filete de sangue.

Drácula rosnou e seus olhos injetados brilharam forte. O sabor de sangue em seus lábios o assanhava, despertando aquela volúpia assassina e maldosa.

Ele abriu os braços como que chamando Marie ao seu próprio suplício, a sua própria destruição. Seus olhos estavam cravados no pescoço dela, onde o sangue brotava rápido das fatias perfuradas de suas presas pontiagudas.

Ela recuou mais, até a parede, a mão tentando estacar o precioso líquido que escorria morno e incomodo por entre seus seios e avançava pelo seu ventre, empapando o vestido.

Havia uma súplica em seu olhar e um terror indescritível na expressão de seu rosto. Drácula saltou sobre ela, envolvendo-a em seus braços, rasgando-lhe as roupas com seus braços em forma de garras, colando sua boca à ferida sangrenta e sugando avidamente.

Marie tombou o pescoço para o lado e ficou olhando os móveis pobres de seu quarto, enquanto, pouco a pouco, sua mente se confundia, mergulhada numa lassidão mortal que se apoderava dela.

Seus braços inúteis ao longo do corpo. Seus olhos se fecharam e a palidez cobriu sua pele. Fungando e rosnando, Drácula soltou o corpo jovem e sem vida, depois limpou os lábios lambuzados.

Ofegante e saciado, ele recuou até a cama e se sentou, sentindo os efeitos benéficos daquele sangue jovem acentuar a vida e o vigor de seu corpo.

Seus olhos perderam aquele brilho de sangue, ganhou um aspecto cristalino e inocente. Ele retirou um lenço de seda e limpou

cuidadosamente os lábios. Depois olhou o corpo caído, sem nenhuma espécie de piedade. A única coisa que lastimava era a perda daquela volúpia que, há poucos instantes, o fizera vibrar como ao mais alucinado dos amantes.

Por algum tempo ficou ali, atento aos ruídos da noite, observando a neblina que lambia os vidros embaçados da janela, por onde penetravam palidamente os raios da lua cheia.

Depois se ergueu, satisfeito com as forças de seu corpo, e foi até a porta. Abriu-a e fitou o corredor sombrio da casa. Foi até Marie e tomou seu corpo frágil em seus braços, levando-a para fora.

Jogou-a no porta-malas do carro, depois foi tomar seu lugar ao volante. Por algum tempo ele sorriu, embaraçando-se com a ignição. Depois acelerou e saboreou uma volúpia nova ao fazer mover, por sua própria vontade, aquele monstro mecânico.

Gargalhou, enquanto deixava aquele bairro para trás, cruzava uma das pontes sobre o Sena e rumava para a casa que alugara, nos arredores da cidade.

Lá, Torg o esperava impaciente para livrar-se do cadáver, extravasando ele também aquela sede monstruosa que fazia dele um complemento do vampiro.

O carro subiu por uma encosta, os possantes faróis iluminando a casa antiga, no alto. Ali a neblina do rio não chegava e a lua prateada banhava generosamente os telhados e dava reflexos delicados às últimas folhas das árvores do jardim.

Drácula levou o carro até a garagem. Torg chegou em seguida, o corpo desengonçado movendo-se com uma agilidade que parecia impossível.

— E então, mestre? — indagou, babando-se de gozo.

— Excitante, Torg! Excitante — repetiu, descendo o carro e fitando a carroceria reluzente. — Uma sensação nova... Parece que eu e o mundo vamos nos dar muito bem, meu fiel servo.

Torg sorriu sinistramente, mostrando dentes finos e desiguais na boca retorcida. Depois encarou o mestre, com impaciência. Drácula riu, entendendo.

— Trouxe-lhe algo — disse, indo abrir o porta-malas. — Ela é toda sua, Torg. Devore-lhe as carnes tenras e o coração macio. Satisfaça seu apetite macabro — finalizou, desaparecendo como uma sombra.

Torg inclinou-se sobre o porta-malas, olhando o corpo mal-acomodado da garota. Estendeu a mão e acariciou o rosto dela. Achou-o belo, de traços suaves. Segurou-a pelos cabelos e ergueu-a lentamente, para que a lua banhasse seu rosto e pudesse examiná-lo.

Por instantes ficou atônito, percebendo a crispação nos lábios dela e um rápido mover de pálpebras. Teria a luminosidade provocado um estranho efeito ou ela estaria viva ainda?

Tomou seu corpo, agora com especial cuidado, e ergue-o, retirando-o dali. Um gemido débil, imperceptível, escapou dos lábios da garota. De seu pescoço ferido, duas gotas de sangue brotaram e escorreram lentas para o braço do corcunda, que estremeceu.

Tinha um ser ainda vivo em seus braços. Drácula não a matara. Sugara-lhe o sangue até saciar-se e a julgara morta. Um estremezimento apossou-se de seu corpo. Um ser vivo, carnes tenras e ainda palpitantes, um resto de sangue... A beleza viva em seus braços despertou-lhe pensamentos obscenos, de uma lascívia brutal e selvagem.

Olhou ao seu redor, num sobressalto. Precisava escondê-la em alguma parte, onde pudesse gozá-la intensamente. Conhecia todos os porões daquela velha casa.

Com o corpo nos braços, esgueirou-se para fora da garagem, contornando-a e foi até os fundos da imponente e sombria construção.

Havia um alçapão, dando entrada ao depósito de carvão. Torg abriu-o depois levou o corpo para dentro. A escuridão não o incomodava.

Soube guiar-se naquele labirinto, chegando até um depósito de coisas velhas. Acendeu a lâmpada para melhor acomodar o corpo sobre um colchão velho.

Em seguida ajoelhou-se junto dela, fitando longamente aquele rosto belo e ainda marcado pelo horror do ataque. Aquela volúpia assassina crispou seus músculos e fez seus olhos quase saltarem das órbitas.

A garota estava viva e isso daria um prazer especial ao seu ato de canibalismo. Depois, sobressaindo-se acima de seu próprio sadismo, uma ponta de ternura se manifestou.

Olhou ao seu redor. Ninguém a acharia ali. O aposento onde repousava o vampiro era na outra ala. Drácula jamais viria ali. E a garota estava viva e era bela. Normalmente jamais olharia para Torg, mas ali, naquelas condições, teria de fazê-lo, teria de submeter-se e, talvez, amá-lo como seu salvador.

Esse pensamento despertou uma volúpia encantada em seu corpo maltratado pela natureza. Alguém poderia amá-lo? Ainda que forçado? A necessidade de tentar se fez mais forte. Ele se debruçou mais, colando o ouvido ao peito da garota, atento ao bater quase imperceptível de seu coração.

Ergueu-se. Precisava fazer algo por ela. Podia salvar sua vida. Havia sido alquimista e curandeiro, mas, acima de tudo, as forças sobrenaturais eram suas aliadas e podia dominá-las. A magia negra era uma velha amiga. Conhecia seus meandros e seus efeitos.

Deixou rapidamente o local, movido por estranha e forte excitação.

Um sol generoso brilhava sobre as ruas calçadas de Montmartre, o bairro boêmio da Cidade Luz. Em seus cafés, grupos e intelectuais e artistas se reuniam, apreciando a manhã e tecendo comentários sobre os recentes acontecimentos.

Num deles o Café Toulon, de aparência tranqüila, com toldos vermelhos cobrindo a calçada onde se espalhavam mesas cobertas de toalhas da mesma cor, três rapazes debruçavam sobre a edição matutina do Le Roy.

Havia um riso de incredulidade em cada boca, mas, imperceptível, um curioso brilho em seus olhares. Brague Grambrinus, um pintor, riu mais alto e endireitou o copo. Tomou um gole de seu café com conhaque, depois apanhou a prancheta e o lápis, começando a rabiscar com traços rápidos e precisos.

Henri e Maxime Hamond, os outros dois, desviaram os olhos do jornal para a figura fantasmagórica que Brague desenhava.

— O que está fazendo? — indagou Henri, de olhos sonolentos após haver se recolhido às três da manhã e despertado às sete.

— O vampiro! — respondeu o pintor, com um riso de zombaria.

— Era só o que faltava... Dominique ficou biruta. Como se pode dar crédito a algo como isso, nos tempos atuais? — ponderou Maxime.

— Se você der uma olhada nas outras mesas, vai compreender os motivos dela. Todos estão lendo Le Roy hoje... E ontem também. Acho que a humanidade tem sede de coisas sobrenaturais, apesar de temê-las. É um modo curioso de acreditar nas divindades. Se o mal existe, por certo o bem também existirá. Com essa dedução, chegam a Deus e provam a si mesmos a sua existência. Simples não? — disse Henri, satisfeito com sua própria dedução.

— E acho que Henri tem razão — afirmou Brague, terminando seu desenho.

Ergueu-o para mostrar aos amigos. Numa das mesas próximas, uma garota desviou os olhos do jornal para a figura hedionda e ameaçadora exibida pelo artista.

Brague talvez houvesse exagerado nos traços, caracterizando o vampiro como um homem com braços abertos e ameaçadores, uma capa esvoaçante semelhante às asas do morcego, cabelos desgrenhados e longas presas cobrindo os lábios inferiores.

De qualquer maneira, a figura desenhada provocava arrepios.

— Por que não colabora com Dominique e lhe manda esse esboço? — riu Henri.

— Parece-me uma boa idéia — ajuntou Maxime.

— Pois eu tenho uma idéia melhor. Vocês dois, como escritores frustrados, não gostariam de partir deste esboço e escrever algo fantástico a respeito do vampiro?

Henri e Maxime se entreolharam. Parecia uma boa idéia. Se agissem com rapidez poderiam aproveitar a publicidade causada pelas reportagens de Le Roy e chegar, de algum modo, ao sucesso que perseguiam.

— Parece muito apelativo... — murmurou Henri, embora a idéia o houvesse agradado realmente.

— Parece-me muito bom trazer um pouco de terror aos corações empedernidos do século vinte. Quantas virgens irão se arrepiar, fitando a chegada da noite com um medo torturante em seus corações? Eu acho que é uma boa idéia. Teríamos de recriar todo um clima, mas estou certo que realmente um desses casarões nos arredores de Paris não dará a medida exata para começarmos.

— É... Se não der certo, engavetamos — propôs Henri, seduzido pelo argumento do irmão.

Os três riram e observaram a passagem desengonçada e apressada de um corcunda, atravessando a rua.

— Ali vai Quasídomo, o corcunda de Notre Dame — apontou Brague, tomando novamente a prancheta.

— E veja como sua figura horrenda provoca uma aversão natural nas pessoas... — observou Henri.

— Mas veja como elas não deixam de olhá-lo, ainda que disfarçadamente. O terror fascina. Tudo que é repulsivo parece atrair. Eu acho que estamos diante de uma boa idéia — ponderou Maxime.

Brague havia traçado rapidamente o esboço da figura retorcida daquele corcunda. Os dois irmãos se debruçaram sobre o desenho.

— Se escrevêssemos o livro, Brague faria as ilustrações, ele consegue captar muito bem essas aberrações da natureza, mano — opinou Maxime.

— Então o que estamos esperando? A biblioteca já esta aberta, vamos pesquisar a respeito dos vampiros. Estou certa que encontraremos um bom material de apoio — convidou Henri, erguendo-se.

O barco deslizava suavemente pelas águas do Sena, passando sob as arcadas antigas das pontes que se sucediam, ligando a cidade de uma a outra margem.

Renê acomodou os remos no interior, depois fitou Margot, a sua frente. A garota sorria enternecida. No brilho de seus olhos havia uma promessa de beijos.

— Você é maluco, Renê! — murmurou, enquanto, nas laterais, sobre as avenidas, o barulho dos carros encobria o marulhar tranqüilo das águas contra o casco da embarcação.

— Você disse que queria, eu providenciei. Seus desejos sempre foram ordens para mim — sorriu ele.

Margot balançou a cabeça de um lado para outro, o rosto iluminado pelo mais carinhoso dos sorrisos. Desviou o olhar para as folhas secas que

flutuavam junto à margem, como pequenos barcos que uma criança lançasse ao rio.

Algo como uma sombra parecia flutuar abaixo das folhas. Ela fixou ali sua atenção, depois levou a mão aos lábios, num gesto instintivo, de espanto e terror.

— Margot, o que foi? — indagou Renê, olhando naquela direção.

Viu claramente uma fina e esbranquiçada mão mexer-se à flor da água, como se acenasse um pedido de socorro e um adeus ao mesmo tempo.

Hilgenstiller tomara o primeiro trem da manhã para Dover e agora aguardava o momento de embarcar no *hovercraf* e deslizar sobre as águas do Canal durante trinta e cinco minutos até Calais.

Dali, novamente num trem, rumaria para Paris, onde se encontraria com Dominique Pinon, a gentil redatora-chefe do jornal que vinha dando atenção ao alerta que ele tentava lançar ao mundo.

Enquanto aguardava, foi até a banca de jornal. Ali estava o Le Roy, com a segunda das reportagens a respeito do vampiro.

O interesse das pessoas era grande. Um após outro os jornais estavam sendo vendidos. Aproximou-se e indagou ao jornaleiro.

— Como está a saída do Le Roy?

— Vendendo como água, senhor. Não vai levar seu exemplar também? Em uma hora estarão esgotados...

— Sim, dê-me um — pediu, pagando-o.

Afastou-se na direção do cais. Havia sido dado o sinal para o embarque. Ele subiu para a moderna embarcação e foi procurar um local longe das janelas, onde crianças se amontoavam, ansiosas pela partida.

Sentou-se e abriu o jornal. Sorriu satisfeito após ler algumas linhas, depois olhou para a maleta que trazia consigo.

Ainda não conseguia compreender porque tivera que trazer tudo aquilo consigo. Talvez fosse uma fixação ou o desejo de estar sempre pronto para enfrentar o monstro, tão logo surgisse a oportunidade.

Drácula deveria estar em alguma parte do mundo agora, mas onde? Essa pergunta torturava-o. Na noite anterior, de lua cheia, alguma garota inocente poderia ter tido o mesmo trágico destino que sua filha Larah.

Esse simples pensamento o fazia estremecer de ódio e repulsa. Seus olhos continuavam fixos na maleta, recordando-se do que constituía parte de sua bagagem.

Tinha ali duas pontiagudas estacas de madeira, esculpidas cuidadosamente em galhos de carvalho, resistentes e mortais. Um crucifixo grande, de prata, cujas extremidades ele havia limado para que cortassem. Um frasco de água benta, colhida numa das igrejas de seu bairro. Uma pistola alemã, Luger, de grosso calibre, caso tivesse de enfrentar aquele corcunda monstruoso novamente.

Respirou fundo e o ar marítimo fez bem a seus pulmões. Olhou ao seu redor. Quantas daquelas pessoas não ririam de sua bagagem? Quantos não chorariam, porém, diante do monstro?

CAPÍTULO 3

Hilgenstiller desembarcou e caminhou por entre a multidão apressada até a rua. Ali, seu olhar passeou pelos prédios antigos e austeros, pelas ruas movimentadas e cheias de colorido próprio.

Acenou para um táxi. Teria sido mais rápido tomar o metrô mas, após tempo, era bom matar suas saudades daquela cidade inesquecível.

Forneceu o endereço do jornal, depois se reclinou no assento, observando as calçadas e os prédios. Quando chegou, pouco mais tarde,

sentia-se já parte da cidade impregnado daquela atmosfera de agitação e deslumbramento.

Ao descer lembrou-se de sua missão e dos motivos que o levaram ali. Seu rosto se tornou sério e pensativo. Pensou no que dissera o jornalista, no porto de Dover.

O jornal *Le Roy* estava esgotando suas edições, com aquelas reportagens sobre o vampirismo. Não estaria ele, Hilgenstiller, sendo usado numa jogada comercial muito lucrativa?

Descartou o pensamento, enquanto subia os cinco degraus até a entrada do prédio. Dominique Pinon, pelo que sabia era uma pessoa muito conceituada e honesta. Por acaso era jornalista, mas isso não era o bastante para desmerecê-la. A maneira séria com que abordara o assunto era uma boa prova disso.

Informou-se na portaria, depois rumou para a sala que lhe fora indicada. ali reinava uma agitação incomum. Indagou sobre a redatora.

— É o Prof. Hilgenstiller? — perguntou a secretária, atarefada entre anotações e telefonemas.

— Sim, ele mesmo.

— Dominique vai recebê-lo num instante. Está na câmara escura. Vou avisá-la — disse, tomando um telefone interno e ligando para lá.

Depois conduziu o professor até uma sala fechada, livre do barulho e da agitação que vinha de fora. Momentos depois, a porta voltou a abrir e Dominique Pinon, tendo nas mãos duas fotografias ampliadas ainda gotejantes entrou e encarou-o.

— É um prazer conhecê-lo, professor — disse ela, demonstrando, no tom de voz e nas maneiras, muita excitação.

— O prazer é todo meu — respondeu ele, momentaneamente confuso com a inusitada recepção.

Dominique levou as fotos para cima da mesa, depois ergueu os óculos que cobria seus olhos verdes, num tom escuro de esmeralda.

Devia beirar os quarentas, mas não aparentava essa idade. Havia juventude e viço em seu rosto. Um espírito alegre e irrequieto escondia-se no corpo ainda esbelto de mulher que atingia o apogeu de sua beleza.

— Veja isso, professor — apontou ela, ligeiramente ofegante.

Hilgenstiller se aproximou. As fotos eram de uma garota nua, aparentemente morta pelo rasgo enorme em seu peito e em seu ventre. As carnes já haviam atingido o estado de putrefação, o que tornava a visão desagradável.

Quase que instintivamente, os olhos do professor se dirigiram ao pescoço dela. Comprovou nas duas fotos, estremecendo, conhecia aquelas marcas, eram inconfundíveis. Ergueu o olhar para a jornalista.

— Aconteceu está manhã. O corpo foi encontrado no Sena. Rechearam seu ventre com pedras, mas algo aconteceu e ele flutuou. Estive no local e as marcas no pescoço atraíram minha atenção. Podia ser coincidência. Sua chegada foi providencial. Diga-me, agora, o que pensa disso.

— Drácula está aqui. Tenho certeza — afirmou Hilgenstiller. — O peito dilacerado... Aposto como a necropsia comprovará que o coração foi extirpado. As marcas no pescoço... Já as vi antes — disse e, por instantes, a lembrança da filha passou por sua mente, torturando-o.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Posso conseguir que veja o cadáver para se certificar.

— Eu não tenho dúvidas, senhora...

— Dominique apenas, por favor — sorriu ela, estendendo a mão. — Desculpe minha descortesia, mas o fato realmente me transtornou.

Ele apertou a mão feminina e firme que lhe fora estendida, depois voltou a observar a fotografia. Sentiu que todos seus músculos e nervos se crispavam, invadidos por uma onda indomável de furos.

A jovem morta era bela, como fora sua Larah. Ceifada no desabrochar final da juventude, como um pecado contra a beleza.

— Professor, por que suspeita que o coração foi extirpado? — indagou a jornalista.

— Segundo as lendas, a maldição do vampirismo se aloja no coração das vítimas, de onde brota com a lua cheia, operando a metamorfose. Se transpassado com madeira, extingue-se a maldição e o cadáver encontra seu repouso natural. Drácula talvez esteja fazendo isso para impedir que uma legião de vampiros surja a sua passagem. Não entendo porque o faz.

— Sei que tenho muitas perguntas a lhe fazer e que deve estar cansado da viagem...

— Pelo contrário. Voltar a Paris sempre alegre e remoça — riu ele.

— Nesse caso, é meu dever convidá-lo para almoçar. Pode deixar sua bagagem aqui. Depois cuidaremos para que se instale num bom hotel. O jornal já concordou em pagar todas as suas despesas. Se me der um minuto, estarei pronta para ir — disse ela, indo tomar o telefone.

Parado na escuridão, Torg podia ouvir o respirar difícil da garota. Acendeu finalmente, a luz e depositou a caixa que trazia nas mãos sobre um móvel empoeirado, depois foi se debruçar sobre o corpo maltratado.

Ele a cobrira com um lençol e, antes de descobri-lo, hesitou, com a visão daquelas carnes alvas e tenras fosse transtorná-lo.

Afastou, então, o tecido, observando as feridas que recobrira com uma grossa camada de uma pomada gordurosa e esverdeada. Segurou-a pelos ombros e, delicadamente, a fez se voltar para a luz. O estremecer das

pálpebras, ainda que imperceptível, indicava que a vida não a deixara ainda.

Sua atenção se concentrou no pescoço da garota. Ao centro de um enorme hematoma estavam aquelas duas perfurações, igualmente cobertas pela pomada nauseabunda.

Um sorriso momentâneo brilhou em seus lábios. Ele examinou-lhe as costas, lanhadas pelas garras do vampiro. Tudo era, agora uma questão de tempo. Ele se voltou e olhou a caixa sobre o móvel.

Foi até lá e a abriu cuidadosamente. Depois tocou o tecido macio do vestido dobrado lá dentro. Era branco, com enfeites de renda, num modelo um tanto antiquado.

Por instantes a testa do corcunda vincou-se ao se lembrar do olhar zombeteiro da modista, quando fizera a compra. Voltando o rosto para a garota, no entanto, esqueceu-se de tudo aquilo e sentou-se num caixote, ficando um longo tempo a olhá-la, com adoração.

Haviam retornado, após o almoço, à redação do jornal. Os detalhes sobre a necropsia já haviam sido recebidos. Conforme o professor havia previsto, o coração da vítima fora extirpado.

A polícia julgava-se às voltas com um criminoso passional. Um homem, movido por brutal ciúme, arrancara o coração da amada, talvez insensível a seus apelos amorosos.

Sob o aspecto, o crime poderia ser romanceado pela imprensa, mas o enigma permaneceria. Com zombaria o professor ouviu todo o relato do assistente. Quando Dominique o despediu, finalmente, e se voltou para ele, seu olhar se tornou sombrio.

— Ele está aqui, não há dúvidas. Oculto em alguma parte, ele já começou espalhar o terror. Esse corpo descoberto demonstra seu cuidado

em esconder as vítimas. Quantas antes não foram mortas? Quantas ainda não serão?

— Logo mais teremos uma reunião com a diretoria. Por isso pedi que viesse, professor. Acredito no que me disse e sei que poderemos, juntos, convencer a direção a manter a linha de reportagem. Um bom argumento será o lado comercial do assunto, mas sabemos que isso não é mais importante agora. Gostaria de repousar um pouco, antes da reunião? Às vezes ela se prolonga um pouco mais do que o esperado e não gostaria de fatigá-lo muito.

— Eu estou bem, não se preocupe. Quando se trata de dar caça a esse monstro, minhas forças se multiplicam.

— Deve odiá-lo muito...

— Como se odeia uma peste, como se odeiam as coisas malignas.

— Se ele está aqui, como vamos encontrá-lo? Como reconhecê-lo?

— Eu já o vi pessoalmente. Penas que não seja um bom desenhista...

— Não será o problema. Nosso departamento artístico poderá ajudá-lo. Basta fornecer os detalhes e ir efetuando as correções e os ajustes. Estou certa de que teríamos um retrato falado dele em pouco tempo. Não gostaria de tentar?

— Agora mesmo?

— Sim, por que não?

Anoitecera e a casa estava às escuras.

Como uma sombra, Drácula deslizou através do salão e se aproximou da janela, fitando Paris e a Torre Eiffel, ao longe, iluminada pelos holofotes.

O clima de Paris o agradava. A noite fervilhava de presas fáceis a seus instintos bestiais. A beleza era uma constante. Garotas atraentes freqüentavam estabelecimentos onde se divertiam muito.

Além disso, ele estava se habituando ao mundo moderno. Fora interessante aprender como dirigir um automóvel. Era cômodo e prático e, mais que um par de asas de morcego, podia impressionar as mulheres.

Elas continuavam as mesmas, sempre deslumbradas pela riqueza e atraídas pelo luxo. Isso as punha a perder deliciosamente, sorriu ele.

Voltou-se, atendo aos ruídos da casa. As luzes estavam apagadas ainda.

— Torg! — chamou e sua voz trovejou ameaçadoramente pelas paredes sombrias.

— Torg! — insistiu, caminhando pela sala.

Mal o eco de suas palavras se desfez nas sombras. O manquitolar ritmado traiu a aproximação do corcunda, que tocou um interruptor, inundando a sala de luz.

— Perdão, mestre! — disse apressadamente.

— Onde esteve?

— Fazendo alguns pequenos consertos pela casa... Não percebi que havia anoitecido — explicou o corcunda, incapaz de olhá-lo nos olhos.

Drácula percebeu que o servo lhe escondia algo. Aproximou-se e sua sombra ameaçadora pairou sobre ele. Torg se encolheu. Se Drácula soubesse que escondera a garota ainda viva, na certa o puniria.

Reconhecia que o que fizera era imperdoável, mas jamais teria resistido à tentação de fazer daquela garota alguém que o olhasse sem medo e, talvez, até com amor.

Drácula riu. Sabia que Torg tinha algum pequeno segredo. Isso era visível em suas faces desfiguradas. Seria fácil arrancar dele a verdade, mas achou que seria inútil demais se preocupar com aquilo.

A noite parisiense o esperava. Já não era a noite do seu tempo, quando os salões se enchiam de luzes e de música e a valsa era a dança do

momento. Era uma outra Paris mais picante e pitoresca, mas fácil em tentações, mais lasciva em suas salas fechadas e esfumaçadas.

— Vai sair mestre? — indagou Torg, timidamente, passado o suspense inicial.

— Sim... Está uma lua magnífica lá fora. A cidade me espera...

— Vai... Vai buscar uma presa?

Drácula riu e girou o corpo, aproximando-se da janela. Estava saciado e forte. Seus sentidos se voltavam para outros prazeres.

— Ontem experimentei um pouco de conhaque... Era péssimo, áspero, agressivo, rude demais, mas despertou-me o desejo de conhecer de novo o sabor de um bom vinho.

— Há bares refinados e honestos na Avenida dos Campos Elísios, mestre.

— Eu sei, Torg. Traga-me mais dinheiro! Bom dinheiro que abre todas as portas e torna tudo tão acessível — ordenou, voltando-se com um sorriso lúbrico nos lábios.

Torg se voltou, mas, antes de se afastar percebeu, junto à lareira, o jornal que comprara naquela manhã. Foi até lá e o apanhou.

— Veja isso, mestre!

Drácula tomou-o de suas mãos e abriu-o diante dos olhos. Um riso perverso crispou seus lábios. Ele amassou o papel e atirou-o na cara do corcunda, num acesso de fúria.

— Maldição! Como ousam falar dessa forma de um Drácula? O que sabem eles sobre vampirismo? O que sabem sobre mim e minha nobre família?

Torg havia recuado. Percebia a fúria de Drácula e isso o assustava. Drácula fixou nele seus olhos injetados.

— Você, meu fiel servo, vai descobrir quem está por trás disso. Localize seja quem for e traga-me o endereço. Vou fazê-lo se arrepender

amargamente de haver ofendido minha família. Vamos mova-se, inútil excremento ambulante! Faça o que ordeno ou quebro-lhe os ossos dessa carcaça podre e deformada — berrou, possesso.

— Sim, mestre. Agora mesmo, mestre — gaguejou o corcunda, enquanto Drácula, fora de si, ia até a janela e a abria fitando a lua.

Sua palidez se acentuou, depois brilhou forte, fosforescendo toda sua pele e todo seu corpo, como emanções de calor visível.

A metamorfose arrepiou Torg que, tendo a consciência pesada, temeu por si próprio. Quando o grande e ameaçador morcego agitou suas asas e escapou pela janela, o corcunda se voltou e deixou a sala rapidamente.

Desceu aos porões. Seu coração estava aos saltos. Conhecia Drácula e não queria sobre si a sua ira, não depois do que presenciara.

Na certa, naquela noite, grande tenebrosa seria a devastação sobre a cidade. Drácula mataria por puro prazer, por vingança apenas, até que saciasse aquela sede de destruição.

Chegou ao aposento onde ocultara a garota. Acendeu a luz e foi descobri-la. duas mãos desceram até tocar os seios rijos e bem conformados.

Crispou seus dedos sobre a pele macia. A garota ainda não voltara a si, mas sabia que os efeitos medicinais daquela pomada a fariam viver para ser sua.

Era uma tentação, realmente, mas um desafio inútil. O melhor a fazer era destruí-la, rasgando suas carnes e devorando seus coração.

Imaginou entre suas mãos a fonte de vida daquele corpo, ainda pulsando e gotejante. Não, não poderia. Ela era bela demais e lhe prometia uma ventura que seu corpo deformado talvez jamais voltasse a experimentar.

Ela poderia amá-lo, olhá-lo com olhos de ternura, acariciá-lo com suas mãos finas e macias, pensou ele, tomando as pequenas mãos entre as suas.

Estavam frias e Torg desejou aquecê-las entre seus dedos. Tinha de destruí-la, mas queria ama-la e ser amado. Suspirou fundo, entrecortando, antes de acariciar os cabelos macios e ainda perfumadas.

Recuou, apagando a luz e se perdendo no corredor escuro.

CAPÍTULO 4

Hilgenstiller se reconhecia fatigado, ao fim da longa reunião, mas recompensado também. A diretoria aprovara a linha traçada por Dominique e o professor seria convidado a participar.

Não via como uma participação, mas como um meio de alertar humanidade sobre aquele criminoso desalmado. Todos deveriam estar alerta para ajudá-lo naquela cruzada insana.

Na sala de Dominique, onde fora apanhar sua maleta, encontrou-se com a redatora e um dos artistas do jornal. Ele acabava de trazer o resultado de seu trabalho. Dominique estendeu o papel ao recém-chegado. Hilgenstiller estremeceu.

Ali estava, em todos seus detalhes, a figura sinistra do vampiro.

— Um bom trabalho! — elogiou — É ele sem sombra de dúvidas...

— Na primeira página da edição matutina, Fred, logo abaixou da manchete principal — ordenou Dominique.

Quando o artista saiu, os dois se olharam.

— parece que conseguimos, professor.

— Sim. Estou grato ao seu empenho. Encontrei em você uma forte aliada.

— Se Drácula está em Paris, na certa vai ser visto...

— Nós nos esquecemos do corcunda, lembra-se? Eu o mencionei em minha carta. Parece ser o elo de ligação do vampiro com o mundo exterior. Seria bom falar sobre ele nas próximas reportagens.

— Cuidaremos disso, não se preocupe. Agora acho que deseja repousar, não? Vamos ter muito trabalho amanhã cedo. Acha que poderá estar aqui às sete?

— Tranqüilamente.

— Um carro do jornal vai levá-lo até o hotel. Espero que aprecie as acomodações.

— Após este dia, estou certo de que dormiria sobre uma pilha de tijolos — riu ele.

— Mas não será preciso, professor — acrescentou ela, rindo também.

Oculto nas sombras do beco, cego pelo furor, Drácula apenas aguardou.

Quando o homem passava junto dele, estendeu o braço e trouxe-o para junto de si. O outro se debateu, mas a mão raivosa atacou sua garganta e dedos de uma força sobrenatural comprimiram.

O terror do outro foi indescritível, tentando se libertar daquelas garras que pressionavam mais e mais, estrangulando-o. Esmurrou às cegas, mas seus golpes pareciam assanhar ainda mais seu agressor.

Um rosar animalesco acompanhava a ação do vampiro, que via as forças do outro cederem gradativamente, enquanto a vida fugia de seu corpo.

A língua horrenda estendeu-se da boca escancarada e desfigurada pelo medo. Drácula ergueu-o contra a parede, os olhos injetados reluzentes na escuridão, as presas mortíferas fosforescendo, como se tivesse luz própria.

Quando sentiu que o homem estava morto, atirou-o contra a parede oposta, chocando sua cabeça contra o tijolo, num som desagradável.

Deixou-o atrás de si e avançou para a claridade da rua. A neblina subia pouco a pouco do Sena. Um carro passou e seus faróis iluminaram a figura do vampiro que, estranhamente, não projetou sua sombra contra a parede.

Continuou caminhando, ainda trêmulo de ódio, à caça de vida que pudesse exterminar com suas mãos. Não queria sangue naquela noite. A morte era um eficiente entorpecente para sua ira.

Queria destruir, queria ver o medo e o terror nos olhos das vítimas indefesas. Seus passos ecoavam pela rua silenciosa e vazia daquele bairro afastado.

Todos pareciam estar ocultos de seu furor e isso espicou. Sentiu seu corpo crispado ainda e era preciso muito mais até que retornasse à calma.

Percebeu luzes numa casa um pouco mais além, separada da calçada por um pequeno e bem cuidado jardim, cujas plantas se achavam preparadas para enfrentar o inverno que chegava.

Estacou, fitando uma das janelas, depois avançou, atravessando o portão gradeado. Um cão latiu, depois foi contra ele. Drácula rosnou, olhando-o fixamente e o animal ganiu, recuando assustado para o lugar de onde viera.

A luz da varanda se acendeu e um homem, fechando o capote, avançou. Ao ver a figura distinta e bem vestida do vampiro, sorriu cordialmente.

O sorriso morreu-lhe nos lábios, no entanto, quando percebeu os olhos injetados e as presas animais. Não compreendeu. Julgou-se diante de um pesadelo vivo. Lá dentro, em frente ao televisor, a sua esposa indagou:

— Quem é, Jean?

Antes que ele pudesse responder, Drácula saltou sobre ele, jogando-o para dentro do aposento. A mulher se ergueu, horrorizada, gritando histericamente.

Luzes se acenderam na vizinhança e o cão voltou a latir e ganir, como se alternasse medo e coragem em suas ações. O silêncio se fez dentro da casa, onde dois cadáveres retorcidos pareciam trocar um último e agonizante abraço, amontoados grotescamente.

Os três empurraram a porta ao mesmo tempo, depois em fila indiana pelo salão, olhando as garotas ao longo do balcão.

Entreolharam-se, percebendo que alguma coisa mudara ali dentro. Lá estavam Ninon, Chamy, Colette e as outras, mas nenhuma pareceu se importar com a entrada teatral dos três.

Maxime fez um sinal aos outros dois e todos retornaram à porta, onde efetuaram nova entrada. Nenhum riso escapou dos lábios das garotas.

— O que há? Isso aqui nem parece o velho café do Pierre. Estão todas com cara de enterro — observou Brague, aproximando-se de Ninon, cuja posição sobre o tamborete nada revelava de seus encantos.

A garota levantou os olhos para os três e forçou um sorriso raivoso. Perceberam, então, que havia feito qualquer coisa errada. Henri fez um sinal a Pierre, que lhes serviu conhaque.

— O que está havendo aqui? — indagou ao garçom.

— Elas estão preocupadas. Não disseram uma palavra desde que se sentaram ali. E olhe que já apareceram bons fregueses hoje.

Brague fez uma careta divertida, depois se aproximou de Ninon, pousando sua mão sobre os joelhos dela. A garota empurrou-a, depois o encarou enfezada.

— O que está havendo com vocês? — indagou ele.

— Estamos preocupadas, apenas isso — disse Ninon.

— Não devíamos ter deixado que ela fosse com aquele estranho. Bem que eu tive um pressentimento — falou Chamy.

— Besteira sua. Está impressionada com o que leu no jornal, apenas isso. No momento, aposto como teve inveja dela. Pode me negar isso? — argumentou Ninon.

— Você não pode ler o que está dentro de mim. Tive um pressentimento, juro como tive.

— Do que estão falando afinal? — quis saber Maxime, que sentia uma especial atração por Marie Vallué, mas não a via ali naquela noite.

Quando Chamay falara sobre pressentimentos e jornal, ele próprio teve um angustiante pressentimento.

— Onde está Marie? — acrescentou, então.

— É o que todas gostaríamos de saber — falou Ninon.

— Que bela classe unida! — exclamou Brague, mas calou-se arrependido quando todas o olharam ameaçadoramente.

— Está bem, vamos pôr ordem na discussão — falou Henri, com seriedade. O que está se passando, afinal? Onde está Marie?

— Ela saiu ontem à noite com um cliente novo...

— O vampiro — cortou-a Chamy, quase histérica.

— Cale a boca, Chamy. Não diga asneira — repreendeu-a Ninon. — ela saiu com o sujeito, mas não foi vista depois disso. Esteve em seu quarto. A porta estava aberta e suas coisas no lugar.

— É a primeira vez que ela faz isso? — indagou Maxime.

— Sim, nunca agiu assim antes. Se tivesse recebido um convite para viajar ou coisa assim, teria deixado um recado para alguma de nós. Por isso estamos todas preocupadas...

Os três rapazes se entreolharam. Maxime se voltou para Chamy.

— Por que diz que o sujeito se parecia com um vampiro...

— histeria dela — antecipou-se Ninon.

— Mentira! Mentira sua — repetiu, levando as mãos à boca, num gesto patético.

— Nunca vimos aquele homem por aqui, nem ao seu socorro. Além disso, ele era pálido... Muito pálido mesmo...

— E só porque o jornal disse que os vampiros são pálidos a idiota cismou em deduzir que Marie saiu com um vampiro, e que, neste momento, jaz em algum ponto da cidade, sem uma gota de sangue no corpo — disse Ninon, com certa crueldade.

Chamy se ergueu, com as mãos sobre a boca, e correu para o banheiro, nos fundos.

— Alguém já pensou em dar queixa à polícia? — sugeriu Henri.

— Eles riram de nós, não percebe — descartou Ninon.

— Nesse caso, vamos procurá-la — propôs Maxime.

— Onde?

— Alguém deve tê-la visto... Sei lá...

Pierre, que estava diante do televisor, numa prateleira ao canto, chamou a atenção deles e foi aumentar o volume.

— Ouçam isso — disse.

Todos se voltaram na direção do televisor. O noticiário informava sobre a garota encontrada no Sena, naquela manhã. Entre as teorias sobre sua morte, surgia uma, acompanhando o raciocínio do jornal Le Roy.

Destacava as perfurações no pescoço e a total ausência de sangue no corpo.

— Com aqueles cortes, isso não é de se admirar — comentou Brague.

Instintivamente, porém, arrepiou-se. Na continuação do noticiário, falaram de dois crimes recentes que haviam deixado a polícia atônita pela maneira violenta e desumana como haviam sido cometidos.

Um homem havia sido estrangulado e teve a cabeça partida após ser atirado contra uma parede. Numa casa, seus ocupantes haviam sido estrangulados com requintes de sadismo.

Os vizinhos próximos juravam ter ouvido gritos, mas não viram, depois, ninguém entrar ou sair da casa, além de um estranho e enorme pássaro, com asas pontiagudas.

Todos acompanharam com interesse e, quando o locutor passou aos comentários esportivos, Pierre desligou. Um silêncio mortal pairou no salão.

Chamy, que estava a meio caminho do balcão quando Pierre aumentara o volume, voltou para o banheiro, com as mãos na boca.

— Eu não sei... — murmurou Henri.

— Temos de encontrar Marie — afirmou Maxime, lembrando-se de tudo que ele e os amigos haviam lido na biblioteca, a respeito dos vampiros.

Podia parecer absurdo, podia estar impressionado com o que lera e com a coincidência das notícias, mas temeu por Marie.

— Espere um pouco, pessoal. Não vamos nos precipitar — disse Brague. — Deve haver uma explicação para tudo... Não há? — indagou, ao final, olhando os rostos pensativos de seus amigos.

Pareciam lembrá-lo do que lera. Esboçou um sorriso amarelo, depois se tornou tão sério e pensativo como eles. Uma idéia lhe ocorreu.

— Ninon, é capaz de descrever o homem que entrou aqui?

— Acho que sim... Chamy me ajudará... Pierre também...

— Pierre, dê-me lápis e papel. Vamos desenhar o vampiro — brincou, mas ninguém achou graça de sua piada.

O tilintar do telefone parecia um som distante no sono do professor.

Ele ergueu-se preguiçosamente do leito e procurou o interruptor do abajur. Consultou seu relógio. Passava das onze. Estendeu a mão e apanhou o fone.

— Eu sinto muito incomodá-lo, professor — disse a voz agradável de Dominique, do outro lado da linha.

— Algum problema? — indagou ele, preocupado.

— Algo aconteceu... Dois crimes num bairro afastado. Um homem foi estrangulado, depois, jogado contra uma parede. Depois um casal foi atacado em sua própria casa e estrangulado barbaramente. os vizinhos

julgam ter visto apenas um enorme e estranho pássaro, de asas pontiagudas...

— Um morcego gigante? — cortou-a ele.

— Pode ser isso...

— As vítimas tiveram seus pescoços perfurados? — indagou em seguida, febril.

— Não...

— Não?

Em sua decepção Dominique percebeu que seria impossível relacionar os crimes ao vampiro. O que as testemunhas afirmavam a respeito do pássaro, no entanto, encaixava-se àquela fantástica metamorfose narrada pelo professor.

— Drácula mataria dessa forma? — arriscou.

— Não creio... Foge ao seu estilo... Drácula ataca suas vítimas pelo sangue. Não creio que mataria pelo prazer de matar apenas... Não acho que não foi ele...

— E o estranho pássaro?

— Talvez seja mesmo um pássaro apenas. O casal não possuía um?

— Ninguém soube informar. Estive no local, no entanto, mas não vi nenhuma gaiola ou coisa assim, o que seria lógico encontrar. eu sinto muito tê-lo acordado, professor.

Ele murmurou qualquer coisa, depois desligou. Voltou a olhar o relógio, depois se levantou e foi até a janela. Havia vida e movimento lá fora.

Era difícil acreditar que, em algum ponto ao seu redor, um monstro sobrenatural descansasse tranqüilamente ou saía sanguinariamente à cata de mais uma vítima.

Esfregou as mãos nos cabelos. Alguma coisa precisava ser feita com emergência. Ele não podia admitir que tal coisa continuasse acontecendo e vítimas inocentes como sua Larah fossem destruídas sem justiça.

Retornou para o leito, mas seu sono parecia ter sido afetado pelo telefonema. Ligou para a copa e pediu leite quente. Depois foi até sua maleta e retirou um velho livro, adquirido há algum tempo e que não pudera ler.

Falava sobre bruxarias e magias negra, além de haver reservado um capítulo ao vampirismo. Hilgenstiller ainda não dedicara sua atenção ao livro por estar escrito em latim vulgar e por imaginar que não veria ali nenhuma novidade.

Abriu-o cuidadosamente, virando página por página, sem se interessar pelos assuntos expostos, até o capítulo sobre vampirismo.

Começou a ler lentamente, encontrando dificuldade principalmente para decifrar as letras repletas de arabescos e enfeites desbotadas em alguns pontos e borradas em outros.

O livro parecia haver passado por naufrágios e incêndios, antes de chegar a suas mãos. Bateram na porta. Ele foi apanhar o copo com leite e retornar à leitura.

Pouco a pouco o sono retornou, à medida que se esforçava sobre o texto. Um parágrafo, no entanto, chamou-lhe a atenção. Falava sobre a fúria dos vampiros, quando provocados. Nesses momentos, sua sanha destruidora não tinha limites.

Ronsi Margmann, um vampiro da idade média, incendiara o próprio castelo, num acesso de fúria, após haverem matado, num acidente de caça, um lobo amestrado que possuía. Um outro se deliciara em executar pessoalmente dez aldeões, cujas mortes ordenara num assomo de ódio pelas chuvas violentas que haviam destruído as colheitas.

Hilgenstiller ergueu os olhos para a janela. As mortes descritas por Dominique haviam sido bárbaras. Um homem fora jogado contra uma parede. Continuou febrilmente a leitura.

CAPÍTULO 5

Brague deixou silenciosamente o aposento e foi até a esquina, onde encheu a garrafa térmica de café, comprou uma broa. Retornava, quando, ao passar diante do jornal, teve um sobressalto.

Com detalhes mínimos de diferença, ali estava o retrato que fizera do homem que saíra com Marie, segundo as descrições de Ninon, Chamy e Pierre.

Comprou um exemplar e correu para o quarto, onde acordou Henri e Maxime.

— Diabos, Brague! Que seja madrugada eu concordo. É até prático, pois nos traz o café e... — interrompeu-se Henri, ao ver o jornal que o artista lhe mostrava.

— Como isso pode estar aí, no jornal? — surpreendeu-se.

— Isso não é nada, meu amigo. Ouve isso: este é um retrato do vampiro Drácula, segundo descrição do Prof. Hilgenstilller.

— E quem é esse Hilgenstilller?

— É o que pretendo saber — disse Brague, levando o jornal para a mesa de estudos, junto à janela.

Afastou alguns livros e estendeu-o ali. Henri e Maxime se debruçaram sobre seus ombros. Terminaram a leitura quase ao mesmo tempo, depois se entreolharam patéticos e surpresos.

— Não pode ser! — exclamou Maxime, num fio de voz, pensando no triste destino de Marie Vallué, se toda aquela loucura tivesse algum fundamento.

— Sei o que estão pensando, mas é coincidência demais — disse Brague — estamos às voltas com um vampiro. Acredite quem quiser.

— O que vamos fazer agora? Que tal procurarmos o jornal? Acho que eles gostarão da idéia — propôs Maxime.

— Temos o testemunho das garotas e do próprio Pierre — lembrou Brague.

— Esperem aí, esperem aí — disse Henri, caminhando atabalhoadamente pelo quarto em desordem — Vamos pensar com calma, pessoal. Não passamos o dia todo, ontem, na biblioteca por nada. Temos algo nas mãos. algo valioso, a nossa própria reportagem.

— O que está sugerindo? — indagou-lhe o irmão.

— Que devemos pesquisar nós mesmos e elaborar uma reportagem sobre o assunto, com os elementos que temos. Qualquer jornal concorrente do Le Roy nos pagaria um bom dinheiro por algo assim. É a nossa chance...

Batidas apressadas na porta interromperam-nos. Henri foi abrir. Ninon entrou apressadamente. Estava pálida e tinha um jornal nas mãos. Brague mostrou o seu, dando a entender que também sabia.

— Pobre Marie! Pobre de mim! Que noite! De madrugada ainda, quando os caminhões estavam distribuindo os jornais, eu vi isso. Corri para casa como uma louca, principalmente depois de ter visto novamente o carro...

— Que carro? — indagaram os três, numa só voz.

— Eu tenho certeza que era o mesmo carro. Negro, novo, com frisos cromados e reluzentes...

— A placa... Você anotou a placa? — indagou Brague, segurando-a pelos ombros.

— Pode parecer incrível, mas foi a primeira coisa que fiz antes de correr — disse ela, abrindo febrilmente a bolsa e retirando seu estojo de pintura.

Ali, com seu lápis de sobrancelhas, anotara o prefixo e o número.

— E o motorista era o mesmo? — quis saber Maxime.

— Não... Era menor... Todo torto... Corcunda, ao que me parece... Lembro-me do rosto. Ele passou junto ao poste, mas não me olhou...

Brague ficou pensativo por instantes. Depois correu pelo quarto à procura de sua prancheta. Encontrou-a e virou as folhas apressadamente, mostrando o desenho de um corcunda que fizera, no dia anterior, quando estavam no Café Toulon.

— Era ele! — berrou Ninon, surpresa e aterrorizada.

Henri e Maxime se aproximaram. Olharam com incredulidade para o desenho e para Ninon.

— Oh, não! Estamos no dia das coincidências. É demais... Você deve estar impressionada, Ninon, apenas isso. Todo corcunda que lhe aparecer pela frente, agora, será o mesmo que viu no carro — falou Henri.

— Eu sei o que vi. Eu sei o que vi — repetiu, num sopro de voz.

Brague foi lhe servir uma xícara de café quente e depois a levou para sua cama.

— Acho que você não descansou nada essa noite, não?

— Tremi o resto da madrugada. Só criei coragem para sair depois que o dia raiou. Eu... Oh, meu Deus! — desatou ela, num pranto nervoso.

— Tudo bem agora, querida Ninon. Descanse. Os três mosqueteiros cuidarão de você.

— E Marie? O que aconteceu com Marie?

— Deixe conosco — tranqüilizou-a ele, cobrindo-a cuidadosamente.

Brague se ergueu e voltou para junto dos amigos. Tomou o estojo de maquilagem das mãos de Maxime e olhou de novo a placa. Depois encarou os amigos.

— O que acham? — indagou.

— Acho que estamos levando longe demais essa história — ponderou Maxime.

— Acho que temos a nossa grande chance nas mãos. A coincidência entre os retratos. E esse Hilgenstiller afirma já ter visto o vampiro cara a

cara. O que Ninon nos contou agora, este número. Por que não investigar? O que temos a perder? — propôs Henri.

— E se chegarmos ao tal sujeito e ele for de fato um vampiro? — lembrou Maxime.

— Somos três. Eu ainda tenho minha pistola. Vocês também têm suas armas, eu sei.

— Balas nada fazem ao vampiro — lembrou Maxime — As armas são outras.

— Se esse vampiro é humano e palpável, como uma bala em seu olho, por exemplo, não o deixará cego? Se ele não morre, pelo menos estará fisicamente inutilizado. Só precisamos cegá-lo vivo. Já imaginaram? — discursou Brague, entusiasmado — E depois, nada nos custará levar alguns crucifixos de prevenção.

Os dois irmãos se entreolharam, depois aprovaram com um movimento de cabeça.

— Ao Departamento de Trânsito, então — decidiu Brague.

Quando Hilgenstiller terminou de contar a Dominique tudo que lera, na noite anterior, naquele livro antigo, a redatora estava pensativa e impressionada.

— Fantástico, professor! Isso pode explicar os crimes de ontem à noite... Mas o que o teria enfurecido tanto? O que pode enfurecer um vampiro?

— Drácula é um nobre e, como todos eles, deve ser temperamental. Como saber o que o pode irritar? Talvez a mínima contrariedade, não.

Alguém bateu na porta, depois entrou. Trazia algumas dezenas de folhas de papel em suas mãos e olhou a redatora desconsoladamente.

— Já recebemos todos estes telefonemas. Todo mundo viu o vampiro em alguma parte. O que vamos fazer?

— Vamos verificar cada uma delas. Peça ao diretor que libere o pessoal dos arquivos e convoque os da distribuição. Temos de descobrir o paradeiro desse homem.

— Vai ser uma loucura — disse o rapaz retirando-se.

Hilgenstiller havia se levantado e ido até a janela. Olhou as águas tranqüilas e limpas do Sena e as ruas movimentadas. Depois esticou o olhar até a estrutura metálica da Torre Eiffel.

Paris era uma grande cidade. Como localizá-lo?

Dominique se aproximou, talvez com o mesmo pensamento.

— Temos duzentos quilômetros de galerias subterrâneas de esgoto, professor. Acha que Drácula poderia se ocultar numa delas?

— É impossível. Drácula é um nobre e, pelo que já sei dele, ainda deve ter sua fortuna. Não sei como fez, onde está ou como subsiste, mas tem muito dinheiro. Na certa alugou uma mansão por aí, num lugar tranqüilo e isolado. Ou então pode estar habitando algum sótão de um prédio antigo, mas sempre com algum estilo.

— Algo me intriga ainda, professor. Só temos uma vítima encontrada com as perfurações na garganta. O que teria acontecido às outras?

— Ocultas... Destruídas com certeza... — respondeu o professor, pensativo. — Espere um pouco, acho que temos alguma coisa parecida com uma pista nessa sua observação. Seguramente Drácula já fez muitas vítimas aqui em Paris. Que tipo de mulheres ele atacaria?

— Bem, se eu fosse ele, buscaria as vítimas entre aquelas cuja falta não fosse muito sentida...

— Exato! Prostitutas, mulheres da noite, vagabundas mesmos. A garota que foi encontrada no Sena, sabe qual sua profissão?

— Desconhecida. Ainda não foi identificada. O rosto estava muito deformado... Todo inchado e...

— Na próxima reportagem falaremos do corcunda e, ao mesmo tempo, pediremos que a população nos ajude a descobrir a identidade da garota encontrada. Além disso, vamos convocá-los a comunicar todo desaparecimento de mulheres ocorridos nos últimos... Dois meses.

— Como disse meu assistente, vai ser uma loucura, professor.

— Mas temos de fazê-lo. Dominique. Temos de parar esse monstro a todo custo!

Novas batidas na porta e Freddy, o assistente de Dominique, apareceu.

—Uma visita para você — disse, dando passagem a um homem de expressão carrancuda e sobretudo escuro.

— Eu gostaria de lhe falar em particular, senhora.

Dominique olhou para o professor, que entendeu e se apressou em retirar-se.

— É sobre essas reportagens — começou o homem.

— Espere, professor — pediu Dominique.

O cientista, que chegara à porta, se voltou e encarou-a. O homem de sobretudo escuro não entendeu.

— Se é sobre as reportagens, acho que o professor deve permanecer.

— Se julga assim — assentiu o desconhecido, abrindo seu sobretudo para retirar uma carteira de couro.

Desdobrou-a diante dos olhos da jornalista. Era Ivy Chanton, tenente-detetive da Superintendência Geral de Policial. O professor se sentou ao lado dele. O policial olhou-o alternadamente, depois se dirigiu a Dominique.

— Peço-lhe que pare com as reportagens sobre o vampiro. Está assustando a população sem motivo, causando pânico. Nossos telefones estão congestionados com os comunicados mais absurdos. Estamos no século vinte, às portas do século vinte e um. O homem já foi à lua, já descobriu mais coisas que em toda a vida da humanidade. Por isso,

senhora, é inconcebível, é absurdo o que está fazendo, divulgando uma crendice tola da forma como vem...

— Crendice tola? — cortou-o Hilgenstiller, trêmulo de indignação.

— Crendice tola! — frisou o policial.

— Eu sou um cientista, pensava como você pensa agora, mas o que aconteceu comigo, no seio de minha família, não pode ser chamado de crendice tola...

— Engano seu, professor. Com todo o respeito que nos merece, pesquisamos a respeito do assunto. Não faço afirmações gratuitas. Entramos em contato com Londres, com Falmouth, com a Hungria, apurando os fatos. Nós sabemos sobre o senhor e sobre os acontecimentos em que se envolveu. Nada obtivemos que comprovasse a existência de um vampiro. Parece-nos, apenas, que o senhor tem uma facilidade enorme de se colocar no centro de acontecimentos criminosos, apenas isso. Querer fazer de Paris a capital do terror, agora, é coisa que não podemos permitir. Sinceramente, professor — disse o policial.

Hilgenstiller suspirou profundamente e se deixou relaxar na poltrona, balançando a cabeça de um lado para outro. Dominique percebeu seu sofrimento e se irritou com o policial.

— Está bem. Sr. Chanton. Já disse o que queria, agora saía. As reportagens continuarão...

— Não nos obrigue a magoá-la, senhora. Seja sensata, raciocine...

— Tenente! — repreendeu-o ela, severamente.

O policial percebeu que seu pedido não teria acolhida. Ergueu-se e olhou-a quase com piedade.

— Eu lhe garanto que as reportagens cessarão, senhora.

— Não pode impedir a imprensa de informar — argumentou ela.

— É o que veremos — afirmou ele, num tom que deixava de lado a cortesia para se tornar ameaçador.

— Acha que ele poderá fazer alguma coisa contra você? — indagou o professor, após a saída do policial.

— De modo algum. O jornal está sendo vendido, a diretoria está do meu lado, o que pode me afetar? Vamos continuar, professor — afirmou ela, com um sorriso.

Torg misturou os elementos numa pequena tigela. A expressão de seu rosto era seria. Ao terminar, aspirou o cheiro forte da mistura gordurosa e esverdeada que tinha preparado.

Coxeou pela sala. Ao passar junto da lareira, viu o jornal que comprara naquela manhã. Hesitou. Drácula ficaria possesso se visse aquele retrato.

Foi até lá, apanhou o jornal e escondeu-o, numa gaveta de um móvel. Depois caminhou na direção da porta que o levaria ao porão.

Pensava na garota e, ao mesmo tempo, no que conseguira, cumprindo as ordens de seu mestre. A responsável pelas reportagens era Dominique Pinon, uma jornalista muito conhecida em Paris.

Morava num sobrado elegante, num dos bairros mais conceituados da cidade. Fora fácil conseguir o endereço. Por momentos teve pena de seu destino.

Não podia escapar à fúria de Drácula. Ele a destruiria sem piedade.

Avançando pelo corredor escuro, deixou de pensar na jornalista para pensar na garota que escondera. As feridas melhoravam sensivelmente, da noite para o dia.

Ela ainda não voltara a si, mas isso poderia ser, agora, apenas uma questão de horas. Quando isso acontecesse, queria estar junto dela, para ver os olhos ternos se abrirem e encararem-no como seu salvador.

Estremeceu de ternura e deslumbramento. Chegou ao aposento. Ligou a luz. A garota jazia na mesma posição em que a deixara na última visita.

Torg descobriu o lençol. As feridas cicatrizavam-se com uma rapidez espantosa. A força do unguento mágico era sobrenatural. Ele sorriu, feliz.

Observou o pescoço. Todo o hematoma desaparecera. Havia apenas dois pontos vermelhos, onde estavam as perfurações. Torg sabia que em pouco tempo elas também desapareceriam e o alvo e delicado pescoço não apresentaria nenhum sinal do ataque monstruoso.

Esfregou ali um pouco de sua pomada, quase numa carícia. Depois girou o corpo delicadamente para observar as costas, onde apenas alguns vergões indicavam o local das feridas produzidas pelas garras de Drácula, no momento da agressão.

Passou sobre eles a pomada, depois recuou, depositando a tigela sobre um móvel. Ficou olhando o corpo alvo e bem conformado.

Não gostou daquela posição e foi acomodá-lo melhor sobre o velho colchão. Fitou, então, extasiado, os seios rijos e arredondados, o ventre achatado, o triângulo sedoso que apontava o sexo delicado e promissor.

Suspirou, num arquejo que vibrou em seu peito, como o baque de um tambor. Alongou o olhar pelas coxas esculturais, lisas e morenas, sem traços o cicatrizes que as enfrentassem.

Era uma mulher atraente e bela, cheia de juventude, capaz de enlouquecê-lo de amor. Sentiu-se leve e feliz, esperançoso e louco para experimentar uma emoção que lhe era negada.

CAPÍTULO 6

Após haver procurado pela tarde toda, haviam conseguido, finalmente, localizar o proprietário do carro. Pertencia a uma locadora, em Montmartre. Foram até lá, dispostos a descobrir para quem ele fora alugado.

— Acho melhor que me deixem cuidar disso — pediu Brague, percebendo a recepcionista muito simpática e atraente.

— Está certo, Don Juan — concordaram os outros dois.

Brague avançou, então, na direção do balcão. A garota levantou seus belos olhos e sorriu.

— Em que posso servi-lo? — indagou.

— Bem... Na verdade, é muito simples. Apanhei uma carona num carro que, por coincidência, foi alugado por vocês. Acontece que sou artista e esqueci, em seu interior, todo o meu material de pintura.

— Que pena! Você sabe quem estava no carro?

— Não, mas me lembro muito bem da placa — disse, passando-lhe o número anotado num papel.

A garota examinou-o, depois sorriu cordialmente, simpatizada com as maneiras simples e espontâneas do pintor. Foi até um arquivo e vasculhou. Retornou com uma ficha na mão.

— O carro foi alugado ao Sr. Vlad Lucard, tenho seu endereço aqui. Você quer anotar? — indagou, passando-lhe a ficha, papel e lápis.

— Eu nem sei como lhe agradecer — disse ele, após haver escrito o endereço.

Ela sorriu, envaidecida e cordial. Brague se despediu e foi ao encontro dos amigos.

— Aqui está — disse mostrando o papel. — só temos que ir até lá e verificar de perto se ele se enquadra nas descrições das garotas, de Pierre e — por que não? — do próprio jornal.

— E se isso acontecer? — indagou Henri.

— Bem, teremos que cuidar da situação, então — afirmou o pintor, dobrando o papel e guardando-o.

Entardecia.

O professor levantou os olhos cansados do papel e encarou Dominique, aprovando com movimentos de cabeça. O texto final da terceira reportagem sobre Drácula estava excelente, dentro daquilo que ele idealizara.

— Vamos ter um bocado de problemas para responder e pesquisar todas as informações que vamos receber, mas ainda acho que compensará, professor — afirmou ela.

— Esteja certa que sim, Dominique. Vamos fechar o cerco ao redor desse monstro, vamos encurralá-lo e localizá-lo para que possamos destruí-lo de uma vez por todas.

— É o que faremos, professor... Agora creio que merecemos um descanso...

— Posso convidá-la para jantar? Eu teria muito prazer em acompanhá-la.

— Parece-me uma boa idéia, professor. Vou levar a matéria para a finalização, depois sairemos juntos. Eu o deixarei em seu hotel. Espero que compreenda que preciso de algum tempo para tratar de minha vaidade — sorriu ela, feminina e ativa.

— Digo o mesmo — respondeu ele, apreciando cada vez mais aquela mulher.

— Aproveite para verificar se alguma coisa nova surgiu, das pesquisas que o pessoal está realizando, investigando todas as denúncias e informações recebidas.

A noite chegara.

Drácula vagara impaciente pela casa às escuras, procurando por Torg. O corcunda estava levando muito a sério seu pequeno segredo, forçando a curiosidade do vampiro.

— Torg! — chamou mais uma vez, parado diante da janela, por onde raios generosos da lua penetravam, banhando sua figura sinistra.

O corcunda se aproximou apressadamente, após haver acendido as luzes. Drácula se voltou e observou os olhos do servo. Torg fugiu ao confronto, intimidado. Drácula riu.

— O que você tem a me dizer? — indagou o vampiro.

— Consegui o nome e o endereço da responsável pelas reportagens...

— Da responsável?

— Sim, é uma mulher...

— Muito convincente — sorriu macabramente o vampiro, deixando à mostra seus dentes alvos e pontiagudos.

— Aqui está, mestre — disse Torg, passando-lhe o papel com a anotação.

— Sei onde fica... Sinto-me fraco está noite... Sedento de sangue e vingança ainda... — murmurou ele, quase num rugido, aproximando-se da janela. — Esteja pronto, Torg, para sua missão.

A metamorfose se operou e o morcego enorme ganhou o céu de Paris como uma sombra ameaçadora. Torg recuou para desligar a luz. Pensou no jornal que escondera. Já não tinha mais importância.

Enquanto isso, no outro extremo da cidade, Violet, a criada de Dominique, acompanhava a patroa até a porta, onde a esperava Hilgenstiller.

Após a saída do casal, a garota andou pela casa, fazendo pequenas arrumações, depois foi se sentar na sala, diante do televisor.

Acionou o controle remoto até sintonizar um bom programa. Aquietou-se para vê-lo. Uma brisa fria soprou pela porta que ligava a sala ao jardim de inverno.

Aborrecida, ela olhou naquela direção, criando ânimo para ir fechá-la. Esperou o próximo comercial e, quando isso aconteceu, ergueu-se.

Preferiu ir primeiro até a cozinha, onde preparou um sanduíche. Quando retornou, depositou a bandeja na mesa de centro e caminhou para a porta do jardim de inverno.

Uma nova brisa soprou, fazendo-a arrepiar. Ela segurou a maçaneta e puxou a porta de correr. Quando tocou a chave para trancá-la, um vulto negro desceu e pousou sobre as traves de uma trepadeira.

Violet sufocou um grito, levando as mãos à boca. Algo indescritível aconteceu. Aquele pássaro horripilante brilhou como se tivesse luz própria e, no momento seguinte, um homem jovem e até atraente caminhou até que suas mãos grandes, de dedos finos, tocassem o vidro.

A garota recuou, sem entender o que estava acontecendo. O olhar penetrante do homem a fazia enregelar. Sua expressão ameaçadora a fez tremer e entontecer, como se a casa girasse num louco e aterrorizante carrossel.

O desconhecido esmurrou o vidro, depois ficou imóvel, olhando a garota, que recuara, mas, tropeçando na mesa de centro, derrubou a bandeja e entornou o copo de leite.

Seus olhos estavam presos ao que acontecia junto à porta. Viu a figura sinistra desaparecer, por instantes, para reaparecer, em seguida, do lado de dentro da porta.

— Quem é você? — indagou, num sopro de voz.

— Dominique! — murmurou Drácula dominado pela volúpia da morte, gozando o medo e o terror que via no rosto dela.

Violet foi recuando, até que se visse encurralada contra a parede. Drácula riu, os lábios grossos se abrindo para exhibir as presas hediondas e sanguinárias.

A criada começou a chorar, o corpo deslizando pela parede, até ajoelhar-se diante da visão monstruosa, que abria os braços e exibia unhas como garras.

— Oh, Deus! — murmurou ela, como numa prece e isso fez estremecer o vampiro e redobrar seu ódio.

Ele saltou para junto dela, segurando-a pelos cabelos e erguendo-a diante de si. Violet ficou imóvel, fitando o terror na figura do filho do demônio.

Drácula fechou-a entre seus braços, apertando-a contra o peito, sentindo seus seios rijos o espetarem e seu corpo escultural aquecê-lo com um calor voluptuoso.

Seus lábios pousaram sobre uma das faces dela, depois foram escorregando, até cobrirem a veia jugular, que pulsava apressadamente.

Estremeceu e, um urro medonho, cravou suas presas ali. O sangue esguichou para sua boca. Ele sugou avidamente, resfolegando e apertando a garota, jogando-a de um lado para outro como se dançasse uma dança macabra e cruel.

Quando aquele corpo ficou imóvel em seus braços, Drácula a soltou sobre o tapete e se deitou sobre ele, esfregando-se e sorvendo as últimas gotas de sangue que brotavam das perfurações.

Saciado, ergueu-se, limpando os lábios lambuzados de sangue. Fitou o corpo exangue, que estrebuchou em espasmos agoniados, depois se aquietou, pálido e sem vida.

Ofegante e sorridente, o monstro caminhou para a porta do jardim de inverno. Pouco depois, como uma sombra, desaparecia na noite.

Brague estacionou o veículo um pouco afastado da entrada, depois desceram, os três, e olharam a casa, no alto da colina. Estava às escuras e tinha uma aparência tétrica.

— É aqui — afirmou o pintor.

— Então vamos — ordenou Henri, sacando sua pistola.

Atravessaram a estrada, saltaram uma vala depois foram até o muro que limitava a propriedade. Auxiliando-se mutuamente os três o venceram, depois se esgueiraram pelo jardim, cujas árvores e plantas achavam-se nuas. As folhas secas sob seus pés estavam denunciadoramente. Brague recomendou cautela e os três se aproximaram cuidadosamente da construção.

— Ali deve ser a garagem. Vamos nos certificar se o carro está — propôs Maxime.

Os três venceram rapidamente a pequena alameda e foram colar seus corpos às paredes da garagem. Caminharam até a porta. Não estava trancada. Ergueram-na e passaram para o interior. Henri riscou um fósforo.

— É ele, sem sombra de dúvida — disse, iluminando a placa.

— Resta saber se há alguém na casa. Está tudo às escuras — falou Maxime.

— Vamos sair e aguardar — aconselhou Brague.

Os três deixaram a garagem, depois cruzaram novamente a alameda e foram se esconder atrás de alguma sebe, cujos galhos numerosos ofereciam um bom esconderijo.

Ficaram atentos à casa e a algum possível ruído. O silêncio era tétrico, assustador. O temor instintivo e o arrojo da aventura contribuía para aumentar a tensão de seus corpos.

— Por que não entramos lá? — sugeriu Maxime.

— Vamos com calma, não podemos nos precipitar. Precisamos descobrir se estamos na pista certa, se temos um vampiro ou um pacato

cidadão, confundido pelo temor de Ninon. Invasão de domicílio é crime grave...

— Vejam! — cortou-o Henri, apontando para uma das janelas.

Claramente, banhado pelo luar, o vulto indistinto desceu do céu e penetrou por uma das janelas. Por instantes os três ficaram atônitos, confusos.

— O que foi aquilo? — indagou Maxime.

— Eu não sei... Penso que era um pássaro... Um morcego gigante... — opinou Brague.

— Vampiros se transformam em morcegos. Eu vou dar o fora daqui — disse Maxime, erguendo-se para correr, compreendendo que havia ali algo que fugia a sua compreensão.

Não se tratava de uma aventura ou de mais uma de suas farsas, mas algo sério, sobrenatural, incompreensível que gerara um terror natural em seu corpo.

— Espere! — ordenou Henri, segurando-o pelo punho e obrigando-o a abaixar-se.

A porta principal da casa se abriu e a figura retorcida de Torg saiu para o luar e caminhou apressadamente na direção da garagem.

— É o corcunda mencionado por Ninon — lembrou Henri.

— Silêncio! — recomendou Brague.

Torg foi até a garagem, ergueu a porta e desapareceu em seu interior. No momento seguinte os faróis do veículo se acenderam e o motor roncou forte.

Lentamente ele desceu a alameda. Quando ganhou a estrada Brague se ergueu.

— Rápido vamos tentar segui-lo — ordenou, correndo pelo jardim, na direção do muro.

Os dois irmãos o seguiram. Em pouco tempo estavam no carro. Brague manobrou fazendo o contorno e saiu em perseguição ao automóvel sinistro.

Após algum tempo, porém, não conseguiram avistá-lo ou alcançá-lo. Brague estacionou a margem de uma avenida e olhou desconsolado para os amigos.

— Nós o perdemos!

— Acha que o corcunda é o vampiro? — indagou Maxime, que ainda tremia, dominado por um pressentimento que o terrorizava anteriormente, fazendo gelar sua espinha e tremer todo seu corpo.

— Vampiros mudam de forma, lembra-se? Talvez ele seja mesmo o corcunda. Com aquela aparência não conseguiria se aproximar de ninguém sem assustar. Transformando-se num homem elegante e atraente tudo se torna mais fácil. As mulheres caem facilmente a seus pés — deduziu Henri.

— Se assim for, temos algo que aquele professor desconhece, o que dá um valor especial à reportagem que vamos preparar. Que acham de voltarmos à casa? Poderemos aguardar a volta do carro e o dia amanhecer. Se ele é o vampiro, nada teremos a temer com a luz do dia. Investigaremos com maior facilidade. Há espaço para dormimos aqui dentro. Nós nos revezaremos na vigília... O que me dizem? — propôs Brague.

— Acho que já que estamos envolvidos e chegamos até aqui, não há como recuar agora — ponderou Henri, embora Maxime tivesse seus próprios argumentos contra.

Como estava em inferioridade, teve de concordar.

Torg se aproximou do vidro.

Do outro lado, estendida sobre o tapete, estava a garota descrita por Drácula. O corcunda empurrou a porta para o lado e entrou. Foi até lá. Olhou-a. Seus olhos se injetaram pela volúpia canibalesca.

Abaixou-se e tomou o frágil corpo em seus braços, levando-o para fora. Caminhou até os fundos da propriedade, onde havia um terreno fofo onde o jardineiro estivera trabalhando naquela tarde.

Apanhou uma pá e começou a cavar, arquejando a cada movimento. Quando terminou, voltou-se para junto do cadáver. A lua banhava o rosto pálido da garota. Era bela, mas estava morta. Não podia dedicar a Torg um olhar que fosse. Ele rasgou, então, a blusa, depois o sutiã, expondo a seus olhos lúbricos os seios tentadores.

Deitou-se junto dela e passou os lábios sobre as deliciosas e frias elevações, arranhando-as levemente, dominador aquele apetite voraz de morder e dilacerar, uivando e rosnando como um lobo faminto.

Foi despindo-a lentamente, expondo suas carnes lisas e macias, dominado pela volúpia macabra. Suas mãos passearam sobre a pele exangue, subindo pelo ventre, até pousar entre os seios.

Ali, como garras impiedosas, seus dedos se crisparam. Seus olhos se esgazearam quando as unhas avançaram, rasgando os tecidos e as carnes, afastando os ossos, buscando o coração.

Num arranco violento que abalou todo o corpo imóvel. Torg levantou diante de si o coração da garota. Rosnou, apertando-o entre seus dedos, como se quisesse feri-lo e maltratá-lo sadicamente.

Depois o levou à boca, aspirando aquele cheiro adocicado, lambendo-o com sua língua imunda, prendendo-o entre seus dentes pontiagudos e arrancando um naco que mascou deliciado.

Depois, esganadamente, meteu-o todo dentro da boca e mastigou-o, caminhando de um lado para outro, impaciente e ofegante, as mãos se agitando como garras que quisessem rasgar o silêncio e a escuridão.

Quando terminou, empurrou o cadáver para dentro da vala e cobriu-o rapidamente. Retornou ao veículo, que deixara na rua num local mais afastado e menos iluminado.

Ao se sentar ao volante, olhou-se no espelho do retrovisor e se amaldiçoou por nada haver mudado em sua fisionomia.

CAPÍTULO 7

Amanhecia.

Os primeiros raios do sol brilhavam sobre o telhado escuro da mansão. Brague endireitou o corpo dolorido, olhando ao seu redor. Seus amigos ainda estavam adormecidos.

— Ei, acordem! — ordenou, movendo-os alternadamente.

— O que foi? — indagou Henri, sonolento.

Maxime se endireitou num salto, olhando-os assustados, como se acordassem de um pesadelo.

— É dia! — exclamou Brague. — Acho que dormimos...

— Que belos detetives nós somos — ironizou Henri, esfregando os olhos.

Brague abriu a porta e saltou, atravessando a estrada decididamente. Maxime e Henri o seguiram, intrigados. O pintor pediu ajuda para saltar o muro.

— Aonde vai, afinal? — quis saber Henri.

— Vou até a casa. Vocês vêm?

Os dois irmãos se entreolharam, depois assentiram. Saltaram para o jardim e correram até a entrada da casa. Olharam pelas janelas. Estava tudo vazio e em silêncio. Rodearam a construção, até a porta dos fundos.

Brague mais hábil conseguiu abrir uma das janelas. Olhou os amigos, depois saltou para dentro. Eles o seguiram. Caminharam lentamente por um aposento que parecia uma biblioteca. As enormes prateleiras estavam vazias e empoeiradas.

Chegaram a uma porta dupla, de correr que separava o aposento dos outros. Brague atentou para algum ruído, depois fez uma das partes deslizar silenciosamente. Estavam diante de um amplo salão, sem moveis. A luz do

sol, penetrando pelos vidros da janela, iluminava a poeira acumulada no assoalho, onde havia algumas pegadas.

Brague apontou-as. Elas se dirigiam tanto para a direita como à esquerda. O pintor escolheu uma delas, a da esquerda, e seguiu, seguindo pelos amigos, quase colados a ele.

Pararam diante de outra porta. Brague abriu-a e sondou o outro aposento. Era uma sala, com alguns móveis velhos dispostos irregularmente. A sensação era de abandono e desleixo. Ninguém podia morar ali, naquelas condições.

Apontou novamente as pegadas que cobriam toda a sala, em todas as direções. Seus amigos o olharam interrogativamente.

— Não há ninguém! — murmurou Maxime, caminhando pela sala, observando as pegadas sobre a poeira.

Abaixou-se. Podia distinguir dois tipos delas: uma pesada e desigual, outra uniforme e mais leve. Chamou seus amigos com um gesto.

— Vejam, há duas pessoas na casa. Esta parece ser do corcunda. A outra...

— Do vampiro? — indagou Henri, erguendo os olhos e olhando ao seu redor.

— Pode ser — falou Brague. — Vamos seguir esta e ver onde nos leva — acrescentou, apontando para as pegadas mais uniformes.

Todos sacaram suas armas. Maxime apertou um crucifixo numa das mãos. Seguiram até a porta por onde haviam entrado e retornaram ao salão. Passaram diante da biblioteca e seguiram em frente, até uma outra porta. Parecia levar na direção do porão.

Brague, à frente, empurrou-a. Aguardando alguns instantes. Estava tudo em silêncio. Havia um corredor diante deles, iluminado apenas pela claridade que penetrava pela porta.

O pintor bateu a parede, à procura de um interruptor, mas nada encontrou. Voltou-se para seus amigos. Henri fez-lhe um sinal para que fosse em frente, ele desceu lentamente os degraus. O silêncio e a escuridão brincavam com seus nervos. Estavam atentos e tensos.

Caminharam lentamente, colados à parede, até uma outra porta. Brague abriu-a. Havia uma fresta de luz ao fundo, como se uma grossa cortina cobrisse a janela. Avançou seguido pelos outros.

Caminharam lentamente, colados à parede, até uma outra porta. Brague abriu-a. Havia uma fresta de luz ao fundo, como se uma grossa cortina cobrisse a janela. Avançou, seguido pelos outros.

Quando chegavam ao centro do aposento, a pesada porta foi puxada e bateu, trancando-se e deixando-os na escuridão.

Quando Dominique chegou ao jornal, parecia preocupada, além de haver se atrasado. Hilgenstiller a esperava no gabinete e, ao vê-la, percebeu que qualquer coisa a preocupava.

— Não sei o que houve com minha criada! — disse a jornalista, soltando-se sobre a poltrona. — simplesmente desapareceu. Deixou cair leite e sanduíches sobre meu precioso tapete persa e...

— Na certa ela percebeu o desastre que cometera...

— Violet não faria isso. Deixou a porta do jardim de inverno aberta. Quando retornei, não percebi isso. Estava tão cansada e aérea, a noite foi maravilhosa, justifica-se. Desliguei a luz a luz e fui para quarto e ela não me acordou como vem fazendo nos últimos dois anos. Saí a sua procura e não a encontrei.

Hilgenstiller ficou pensativo, olhando-a. Um estranho e terrível pressentimento passou por sua cabeça. Ia dizer alguma coisa, quando o telefone tocou. Dominique atendeu, depois se ergueu rapidamente.

— A diretora está reunida e quer ver-me. Acho que não vou me demorar — sorriu ela, deixando a sala.

Ganhou o corredor e avançou até a sala de reuniões. Quando entrou, alguns rostos constrangidos se voltaram para ela. Um deles era do tenente-detetive Ivy Chanton. Estranhou sua presença ali.

Um dos diretores apontou-lhe uma cadeira. Dominique sentou-se. Percebia o ambiente carregado e tenso.

— Vamos falar diretamente, Dominique. As reportagens serão suspensas — disse o diretor-presidente.

Ela se segurou em sua poltrona, incrédula. Seu olhar dirigiu-se ao policial, que parecia sorrir.

— Por que? Nossas edições se esgotam diariamente... — tentou argumentar.

— Sabemos disso, mas não podemos negar um pedido do próprio Superintendente da Polícia. O Tenente Ivy lhe explicará.

O policial dirigiu-lhe um olhar vitorioso antes de falar:

— A polícia precisa que cessem as reportagens, senhora. Estão sugestionando os criminosos. Uma simples perfuração na garganta das vítimas vai nos confundir, se acreditarmos no que tenta nos impingir e à população. Seremos obrigados a acreditar que temos um caso sobrenatural nas mãos. Deve compreender que...

— Não, não compreendo realmente. Vocês não entendem a gravidade da situação? Há um monstro lá fora. Suas vítimas todas ainda não foram descobertas, mas estão mortas, em algum lugar imundo, clamando por justiça — disse ela, num fôlego só.

Os diretores se entreolharam. As reportagens haviam aumentado consideravelmente a circulação do jornal, mas teriam de ser interrompidas. Havia detalhes políticos que não podiam explicar à jornalista, mas que haviam incluído em suas decisões.

Bastava que cessassem as reportagens e tudo estaria bem. Haveriam de encontrar um outro assunto a ser explorado.

— É definitivo? — indagou ela, patética, percebendo que seu breve discurso não os havia sensibilizado.

— Infelizmente sim. Dominique! — afirmou um deles.

Ela se ergueu de sua poltrona, fitou-os um a um, depois deixou a sala rapidamente. Estacou no lado de fora, respirando fundo, pensando na decepção que aquilo causaria ao professor.

— Tudo bem, Dominique? — indagou-lhe seu assistente, com um calhamaço de papéis nas mãos.

— Tudo bem, Freddy — assentiu ela, forçando um sorriso.

— O que faço com tudo isso? — mostrou.

Dominique disse-lhe uma obscenidade, depois avançou pelo corredor, deixando-o atônito atrás de si. Chegou diante de sua sala. Tentou imaginar a melhor maneira de dizer aquilo ao cientista. Sabia que iria magoá-lo, mas o que podia fazer? Haviam atados suas mãos.

Talvez o melhor a fazer fosse lhe dizer diretamente, sem rodeios. Empurrou a porta e o encarou.

— Está terminado, professor — disse, passando por ele e indo se sentar a sua escrivaninha.

— O que está terminado? — indagou ele, sem entender.

— As reportagens, nossos planos, tudo. A diretoria ordenou que parássemos com as reportagens. Não haverá mais nada sobre o vampiro, professor. Eu sinto muito!

Hilgenstiller demorou alguns instantes para perceber. Ergueu-se, então, e caminhou abobalhado pela sala. Quando tudo parecia tão certo e tão bom...

— Por quê? — indagou, pateticamente.

— Um pedido do Superintendente de Polícia, mas é claro que há pressões políticas por trás de tudo. Não sou nenhuma tola. A polícia está perdida, andando em círculos... Diabos! — explodiu, esmurrando a mesa.

O telefone tocou. Ela atendeu ríspidamente. Depois, a expressão de seu rosto se alterou. Ao desligar, estava pálida e transfigurada.

— O que houve? — indagou o professor, aproximando-se da escrivantina.

— Encontraram o corpo de Violet no fundo do quintal... O jardineiro viu pegadas estranhas... Oh, meu Deus! — Desabafou, cobrindo o rosto.

Hilgenstiller contornou a escrivantina e foi ampará-la. Dominique respirou fundo, depois se ergueu, agradecendo-o.

— Tenho que ir até lá...

— Eu a acompanho — disse ele, apanhando seu sobretudo.

Algum tempo depois chegavam lá. Havia algumas viaturas policiais. O jardineiro estava a um canto, sendo interrogado. Quando Dominique se aproximou, foi detida por um policial. Ela se identificou.

O homem a levou até seu chefe, que a reconheceu logo. Ia dizer qualquer coisa, quando passou a maca, conduzindo o corpo de Violet.

— Esperem! — pediu ela.

— Eu não olharia, se fosse você — Alertou o policial.

Ela hesitou, depois tocou o lençol e removeu-o. Uma careta horrorizada dominou seu rosto e ela cambaleou. O professor a amparou, enquanto olhava o pescoço da garota. Além da terra, havia as duas marcas fatídicas.

— Devíamos ter imaginado. As reportagens despertaram a fúria de Drácula. Ele veio aqui a sua procura — disse Hilgenstiller.

A jornalista parecia não ouvi-lo, tamanho seu pavor diante do que vira.

— Eu posso pedir que nos acompanhe, Dominique? Vai ter que responder algumas perguntas — disse o policial.

Ela concordou com um aceno de cabeça e um olhar vago, indefinido, atônito.

Anoitecera.

A pequena fresta de lua desaparecera. O vidro da janela estava coberto pelo lado de fora, com grossas tábuas pregadas.

Maxime se ergueu, alucinado. Haviam tentado forçar a porta, inutilmente. Ele sacou sua arma e disparou repetidas vezes contra a janela, apenas um friso pálido na escuridão.

— Acalme-se, Maxime! — ordenou Brague, tentando ele próprio se manter calmo.

— Diabos! Demônio! Estamos perdidos não percebe isso? — gritou ele.

Uma gargalhada explodiu do lado de fora, sinistra, zombeteira, cruel.

— Quem está aí? — indagou Brague, empunhando sua arma.

A risada persistiu por instantes, depois se afastou, acompanhada de pisadas desiguais. A escuridão e o silêncio os aterrorizaram. Aquela gargalhada havia sido a gota d'água. Brague disparou na direção da porta. Uma das balas atingiu a parede e ricocheteou perigosamente pelo aposento.

— Pare! — ordenou Henri. — Pode nos matar desse modo. Temos de agir com calma. Temos de sair daqui.

— Como? — berrou Maxime, fora de si.

Henri andou de um lado para outro, apalpando os bolsos. Encontrou a caixa de fósforos. Estacou, esfregando os pés pelo chão. Encontrou um pedaço de madeira. Depois outro.

— Eu sei como vamos sair daqui — disse, riscando um fósforo.

Reuniu apressadamente a madeira e levou-a para junto da porta. Havia um caixote ao fundo, com planta dentro. Apanhou-o e acomodou-o também.

— O que vai fazer? — indagou Brague.

— Incendiar esta maldita porta — disse, ateando fogo à palha.

Os três correram para um canto, observando as chamas crescerem e lamberem a madeira envelhecida. A fumaça os fez tossir, anunciando um novo perigo.

— Deitem-se no chão — ordenou Brague.

Todos fizeram isso. As chamas devoraram a madeira da porta, que desabou logo depois. A fumaça avançou, dominando o corredor. Um resto de chama ainda iluminava as paredes, quando se ergueram e saltaram para fora.

Aproveitando-se da claridade, correram na direção da saída. Antes que chegassem lá, no entanto, a porta se abriu violentamente e a figura ameaçadora de Drácula barrou-lhes a passagem.

Henri ergueu sua arma e disparou repetidas vezes. As balas atravessavam o corpo do vampiro, sem causar-lhe nenhum mal. Um urro medonho, de fera raivosa, se ouvia, quando Drácula saltou sobre Brague, agarrando-o pelo pescoço e erguendo-o diante de si.

Maxime caiu de joelhos, emudecido e paralisado. Henri tentou correr para o fundo do corredor, mas tropeçou e rolou sobre o resto de chama que iluminava macabramente o cenário.

Drácula olhou-o. Arremessou Brague para trás e praticamente voou sobre o corpo de Henri, fechando suas garras ao redor do pescoço dele e apertando-a violentamente.

Ele se debateu, os olhos esbugalhados diante da visão infernal e desumana. Brague, mais morto do que vivo, rastejou, na direção da escada. Havia sangue em sua cabeça e ele tossia engasgado.

Drácula se ergueu e arrastou o corpo de Henri com uma das mãos. Passou pelo atônito Maxime e foi pisar sobre o crânio de Brague, pressionando-o contra o cimento frio.

O pintor estrebuchou, sangue brotando de sua boca, espasmos grotescos retorcendo seu corpo. Henri ficou imóvel, o pescoço partido pela força descomunal do vampiro.

Ele soltou suas duas vítimas e voltou os olhos injetados e furiosos para Maxime. Este ergue pateticamente o crucifixo, sem esperança.

A luz tênue que vinha da chama que se apagava, viu o vulto ameaçador cambaleiar e cobrir os olhos, afetado pela luz.

Ergueu-se, invadido por uma esperança alucinada, adiantando o crucifixo e passando lentamente pelo vampiro que se contorceu e se encolheu.

— Morra, maldito filho do inferno! — berrou Maxime, começando a subir os degraus para a salvação.

Olhou o corpo de seu irmão e de Brague, depois a figura do vampiro. Tudo era irreal, um pesadelo, uma alucinação bestial, uma cena do inferno. Queria ficar e ver a destruição do monstro e, ao mesmo tempo, queria dar vazão ao desejo de correr que impacientava e estremecia seu corpo.

Chegou ao alto da escada. Drácula agitava as garras, descobrindo os olhos e voltando a cobri-los, como que ameaçando o jovem. Um riso insano esboçou-se nos lábios de Maxime, antes que uma pancada violenta o arremessasse sobre o vampiro. O crucifixo escapou-lhe as mãos. Ele tentou encontra-lo, mas estava atordoadado.

Drácula olhou Torg, parado no alto da escada, o punho enorme ainda fechado e ameaçador. Depois se inclinou e agarrou o pescoço de Maxime, erguendo-o diante de si, observando seus olhos se esgazearem e se revirarem, sua boca se abriu num sufoco mortal e a língua adiantar-se obscenamente.

Maxime estrebuchou grotescamente, depois se imobilizou. Drácula o jogou sobre os outros, depois se voltou para Torg.

— O que eles faziam aqui?

— Não sei, mestre. Juro como não sei...

— Vá ver se aqueles disparos não atraíram a atenção de ninguém.

Apesar de não termos vizinhos, há a estrada — ordenou Drácula, deixando o corredor calmamente.

CAPÍTULO 8

Drácula estava sentado numa das mesas do fundo de um barzinho tranqüilo, observando as garotas que começavam a chegar. A sua frente, separados por uma mesa vazia, alguns rapazes discutiam sobre os últimos acontecimentos.

Junto ao balcão, alguns homens bebiam ladeados por garotas provocantes e oferecidas. No extremo do enorme tampo de madeira, havia um televisor. Drácula sorriu, pensando em como a ciência evoluía, dos alquimistas de seu tempo aos técnicos da atualidade. Algo, na tela colorida, chamou-lhe a atenção. Ele se ergueu, olhando-a fixamente. Aproximou-se. Reconhecia aquela figura magra e alta que acompanhava a mulher cercada de policiais.

Prestou atenção ao que dizia o repórter. Dominique Pinon estava sendo libertada, após haver sido interrogada durante toda a tarde sobre um possível envolvimento na bárbara morte de sua criada. Os olhos do vampiro fuzilaram ao perceber o engano cometido. Dominique estava viva ainda, assim como aquele homem que o perseguia. Ambos precisavam ser destruídos sem mais demora.

Deixou o bar apressadamente. Lembrava-se do endereço e da facilidade de penetrar na casa. Se a jornalista tivesse retornado para lá, era possível que encontrasse os dois, esperando pela destruição. Cruzou uma praça. Oculto pelas árvores, metamorfoseou-se no morcego negro que cortou a noite ameaçadoramente.

Hilgenstiller não bebia com frequência, mas estava seguro de que, após aquela tarde, um gole de bom conhaque poria seus nervos no lugar.

Acompanhara Dominique e fora igualmente incriminado pelas perguntas sutis e maldosas com que os crivaram.

Serviu dois copos e retornou para junto da jornalista. A expressão do rosto dela traía seu cansaço e sua angústia.

— Obrigada, professor! — sorriu ela, forçadamente. — Eu precisava mesmo de um trago. Estou exausta e faminta. Deus, como eles podem ser cruéis! — Exclamou, em seguida.

— É o trabalho deles! — suspirou Hilgenstiller, repousando o corpo numa poltrona.

Fechou os olhos por instantes. Era difícil acreditar que tudo aquilo estava acontecendo, enquanto Drácula, solto na noite, saía a cata de novas vítimas. Quando iriam acreditar? Quando algo iria ser feito decididamente para acabar com aquilo?

— Eu sinto tê-lo metido nessa encrenca, professor! — disse Dominique.

— Esqueça! Eu sei que não é uma tarefa amena convencer a humanidade da existência daquele monstro...

— Estávamos a caminho, temos de reconhecer isso.

— Talvez eu devesse tentar um outro jornal... Um concorrente do Le Roy...

— É inútil. Ele acabaria sofrendo as mesmas pressões e tudo voltaria à estaca zero.

— Acha que devo desistir?

— Não, professor. Deve persistir. Eu lhe darei todo o meu apoio. Poderemos tentar algumas revistas científicas, de curiosidade, imprensa marrom, qualquer coisa. Estou disposta a pedir demissão do Le Roy e acompanhá-lo nessa cruzada, se me aceitar.

— Está falando sério? — surpreendeu-se ela, gratamente.

— Como nunca falei em minha vida — assegurou ela.

— Aceito sua ajuda, Dominique.

— Nesse caso, vamos celebrar. Eu o convido para um jantar que eu mesma prepararei... — disse ela, recobrando o entusiasmo e pondo-se em pé decididamente.

Ia caminhar até a cozinha, mas estacou, franzindo a testa, decepcionada e constrangida.

— Não há nada na despensa... Hoje seria o dia de Violet ir às compras... Pobre Violet! — exclamou e seus olhos brilharam mais fortes, marejados.

Hilgenstiller forçou um sorriso, erguendo-se.

— Há um restaurante ali na esquina. Vou até lá e trago alguma coisa pronta. O efeito será o mesmo. O que me diz?

— Excelente! Devo ter vinho. Que tal um candelabro?

Ele apenas sorriu, alegrando-se em perceber como ela se esforçava para reagir.

— Decidido, então! Dou-lhe quinze minutos para fazer isso, meu caro professor.

— Já estou providenciando — riu ele, caminhando para a porta, onde estacou e se voltou, encarando-a pensativa e preocupada.

— O que foi? — quis saber ela.

— Acha que vai estar bem?

— E por que não?

Hilgenstiller olhou na direção da porta do jardim de inverno e Dominique entendeu. Um calafrio enregelou sua medula, perturbando-a.

— Eu me sentiria melhor se fosse comigo. Talvez pudesse jantar lá mesmo, no restaurante...

— Ora professor! Ficarei bem — afirmou ela.

Hilgenstiller hesitou por instantes, depois enfiou os dedos entre o colarinho e o pescoço, retirando dali um crucifixo de prata, numa corrente

do mesmo material. Aproximou-se da jornalista e colocou-o no pescoço dela.

— Vou me sentir melhor se usar isso — pediu ele.

Ela sorriu e o acompanhou até a porta. Quando a fechou, voltou-se e olhou ao seu redor. Seus olhos se fixaram na mancha do tapete persa, onde caíra o copo de leite derrubado por Violet. Por instantes tentou adivinhar o terror vivido pela empregada. Depois, impressionada com as próprias divagações, foi para a sala de jantar, preparar a mesa.

Consultou o relógio. Após toda aquela tarde no Distrito, sentia-se suja. Acreditou que teria tempo de tomar um banho, antes que o professor retornasse. Caminhou até seu quarto, onde se despiu. Meteu-se num roupão e foi para o banheiro. Trancou a porta. Ligou a ducha. Olhou no espelho. Era um belo crucifixo aquele, todo trabalhado, com pequenas pedras engastadas nas extremidades. Pouco a pouco o espelho embaçou-se com o vapor que escapava do box. Dominique se voltou e caminhou para a água. Olhou mais uma vez o crucifixo. Retirou-o e deixando-o sobre a pia.

Esfregou-se com força, como se pretendesse arrancar alguma coisa que estivesse impregnada em sua pele. Um pouco de espuma caiu em seu olho. Dominique lavou-o para livrá-lo da ardência, depois abriu a porta do box e estendeu a mão na direção da toalha. Tocou algo frio e assustador. Forçou os olhos para mantê-los abertos e divisar claramente aquela figura sinistra que a olhava.

— Quem é você? De onde veio? — indagou, recuando.

A mão fria do vampiro agarrou-a pelo pulso e puxou-a violentamente. Dominique escorregou e desabou. Como o pior dos pesadelos, movido por uma sanha destruidora e bestial, Drácula a segurou pelos cabelos e a ergueu, prendendo-a em seus braços.

Dominique se debateu, tentando se livrar da ameaça mortal que via naqueles olhos chamejantes e naquelas presas pontiagudas que pareciam rir dele.

— Eu não tenho medo de você. Acabará destruído, porque encarna o mal e o mal sempre será derrotado...

— Lindas palavras, Dominique Pinon! Tão lindas quanto seu pescoço — murmurou ele, quase rosnando.

Ela se debateu novamente, olhando o crucifixo sobre a pia, vendo nele sua salvação. Tentou manter o controle e desafiá-lo de alguma forma para destruí-lo. A boca de Drácula, no entanto, arreganhou-se e os dentes rebrilharam, antes de enterrarem-se nas carnes macias do pescoço dela. Dominique estremeceu, aquela dor aguda dando-lhe consciência do terrível fim que a aguardava. Debateu-se, enojada e aterrorizada, enquanto ele, como fera esganada, fungava e sorvia aos goles o sangue que esguichava para sua boca.

Quando a soltou algum tempo depois, o corpo pálido e inerte da jornalista deslizou para o piso, numa grotesca posição. Seus olhos esbugalhados e sua face crispada davam a exata medida do horror por que passara.

Drácula abriu a porta e deixou o banheiro, acompanhado de uma nuvem de vapor. A água continuava a caindo, mas ele ouviu nitidamente as batidas desesperadas na porta. Recuou, então, para o banheiro. Um sorriso sádico iluminou seu rosto. Ele ouvia claramente a porta sendo posta a baixo e os gritos desesperados de um homem.

Pouco depois, Hilgenstiller surgia à porta do banheiro.

— Oh, não, meu Deus! — exclamou, em desespero.

O rugido animalesco o fez erguer os olhos para a figura que vinha ao seu encontro. Apoiou-se na pia, mudo de espanto, e seus dedos tocaram o crucifixo. Drácula cobriu os olhos e encolheu-se, urrando medonhamente.

Hilgenstiller olhou ao seu redor, esperando encontrar alguma arma para destruí-lo, mas nada havia. O monstro passou por ele, retorcido e nojento, avançando para a porta. O professor o seguiu, arremessando contra ele tudo que estivesse ao alcance de suas mãos, praguejando e orando ao mesmo tempo, num desespero total.

Drácula chegou à sala e correu para a porta de vidro do jardim de inverno. Hilgenstiller exultou, crendo havê-lo encurralado. Inesperadamente, porém, a figura monstruosa surgiu do outro lado e ganhou a noite como num passe de mágica. Hilgenstiller caiu de joelhos e não pôde impedir as lágrimas que brotaram violentamente de seus olhos.

Torg esgueirou-se pelo corredor escuro até o aposento onde deixara a garota. Acendeu a luz. Olhou surpreso ao seu redor. Ela não estava ali. Recuou para o corredor, atônito e perdido. Ela não podia ter escapado. Não tinha para onde ir. Precisava ficar para amá-lo. Precisava.

Voltou pelo corredor até a sala principal. Parou ali, tentando ouvir algum som. Algo como breves rugidos abafados vinham de algum ponto da casa. Ele foi caminhando, guiando-se pelo som, até uma porta, após a biblioteca. Fora ali que Drácula destruía aqueles três intrusos. Um arrepio percorreu seu corpo deformado e um pressentimento medonho o fez estremecer. Ele empurrou a porta. Os rugidos se tornaram mais nítidos. Ele desceu os degraus e bateu a parede. Aqueles rugidos ofegantes e esganados se explicaram diante de seus olhos horrorizados.

Recuou, cambaleante, enquanto a garota, os cabelos desgrenhados, os lábios lambuzados de sangue, as presas arreganhadas, levantava para ele os seus olhos injetados e animais.

— Você... — balbuciou ele, ao vê-la sugando o sangue dos cadáveres. — Você tinha de me amar... O que foi que eu fiz? — lamentou, desesperado.

A garota não ouvia seus apelos. Apenas sentia a promessa de sangue quente que saciaria aquele seu novo apetite. O sangue frio dos cadáveres não a satisfizera. Era preciso algo mais vivo, mais humano. Torg compreendeu isso, vendo os olhos dela. A garota urrou bestialmente e ergueu os braços, mostrando os dedos crispados e as unhas como garras.

— Eu sou Torg... Seu salvador! — gritou ele, enquanto ela avançava.

O corcunda recuou pela escada, confuso, sofrendo. Puxou a porta e trancou-a. Cobriu o rosto com as mãos. Deveria ter imaginado desde o princípio. Não poderia ter se esquecido daquele detalhe. Drácula a contaminara com sua maldição. Ao pensar no vampiro, estremeceu, dominado por um pavor maior. Drácula o destruiria, ao perceber que fora feito. Torg foi recuando, sem perceber Drácula, estático atrás dele, olhando-o com curiosidade. Quando seus corpos se chocaram, o corcunda caiu de joelhos e ergueu as mãos, num gesto de adoração e súplica.

— Perdão, mestre! Perdão! — gritou.

— O que tem atrás daquela porta, Torg? — indagou Drácula, sem entender o comportamento de seu servo fiel.

— Não, mestre! Suplicou-lhe...

— Acho que chegou a hora de desvendar seu segredo, meu bom Torg — disse Drácula rumando para aquela porta.

— Não! — gritou o corcunda, saltando para frente e interpondo-se.

Drácula olhou-o nos olhos, percebendo o terror. A reação inusitada do corcunda espicou-o e o enfureceu. Ele agarrou o corcunda pelo pescoço e atirou-o para o lado como se fosse um graveto. Depois escancarou a porta. Recuou, surpreso por instantes, quando a garota avançou. Reconhecendo-a afinal. Ela urrou, pondo-se na defensiva, as presas à mostra, as mãos em garra.

— Maldita besta humana! — praguejou, olhando Torg se arrastar pelo assoalho, buscando proteção atrás dele. — Eu devia deixar que ela sugasse todo o seu sangue podre.

— Não, mestre! Perdão! Eu só queria que ela me amasse, mestre...

— Amor? Tolo, inútil! — exclamou Drácula, com desprezo, voltando-se para a garota, tentando submetê-la com seu olhar poderoso.

Ela rosnou, retribuindo um olhar de ódio, reconhecendo nele um inimigo e destruidor. Avançou sobre o vampiro, engalfinhando-se, procurando cravar suas presas no pescoço dele. Drácula urrou medonhamente e empurrou-a de encontro à parede. Depois abriu os braços ameaçadoramente e saltou sobre ela, cravando suas presas em seu pescoço dele, dilacerando-o furiosamente.

Torg se ergueu, pálido de terror, percebendo a fúria desencadeada no corpo de seu mestre, que despedaçava aquela que o ameaçara. Não havia clemência ou humanidade nas atitudes dele. Era uma fera, uma besta irracional ao extremo, movida apenas pelo instinto de sobrevivência. Os rugidos de vitória de Drácula sobrepujaram os gemidos arquejantes da garota, que foi atirada violentamente contra a porta, caindo para o corredor.

— Ande, vá devorar-lhe o coração! — ordenou Drácula, voltando-se para Torg. — Não era isso que você queria? O coração dela? — gargalhou satanicamente o monstro, enquanto Torg se apressava em cumprir a ordem recebida.

FIM DO LIVRO CINCO

L P Baçan - O Mago das Letras

- 1975: escreveu e publicou seu primeiro livro de bolso, a novela Uma Tese para o Amor, pela Editora Cedibra, Rio de Janeiro, passando, daí, a escrever mensalmente novelas por encomenda para essa e outras editoras.
- 1985: teve 11 letras incluídas no LP Saudação ao Mato Grosso, da dupla Estudante & Caminhoneiro.
- 1986: teve 6 letras incluídas no LP Oração de Um Caminhoneiro, da mesma dupla.
- 1991: participou da Coletânea do I Concurso Nacional de Literatura da FENAE, com um conto premiado em 1º. lugar.
- 1994: participou da Antologia Os Poetas, do V Concurso Helena Kolody de Poesia, Governo do Paraná, Curitiba – PR.
- 1995: traduziu a obra El Contuberno Judeo-Maçônico-Comunista, de José Antonio Ferrer Benimelli, em 2 volumes intitulados Maçonaria & Satanismo, para a Editora "A Trolha".
- 1996: publicou a novela rural Sassarico, sobre o fim do ciclo do café, início da rotação de culturas (soja e trigo) e surgimento dos bóias-frias e editou os livros Vida Minha, de Emília Ramos de Oliveira (biografia) e Círculo Vicioso, de Arlene Cirino de Oliveira.
- 1997: participou da coletânea Poema, Poesia... Maçom, Maçonaria, organizada por Mário Cardoso para a Editora Arte Real.
- 1998: publicou o livro de poemas Alchimia.
- 1999: publicou o livro Redação Passo a Passo e editou o livro URAÍ - Nossa Terra, Nossa Gente, 2 volumes, de Emília Ramos de Oliveira.
- 2000: teve 2 letras incluídas no CD Nosso Negócio É Cantar, da dupla Márcio Rogério & Luciano e 3 letras no CD Mais, do cantor Cícero de Souza. Publicou, neste ano de 2000, Brincando nos Caminhos do Senhor, revista infantil cristã, Editora e Gráfica Cotação da Construção, Londrina – PR.
- 2001: editou e prefaciou o livro Templários, de Lori Andrei Perez Baçan.
- 2002: foi o autor da letra do hino da Loja Maçônica Londrina, em parceria com o músico Wilmar Cirino.
- 2004: organizou, editou e participou do livro I Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2006: organizou, editou e participou do livro II Antologia do Portal "Cá Estamos Nós".
- 2007: publicou os livros A Sabedoria dos Salmos, A Sociedade Secreta

dos Templários e O Livro Secreto da Maçonaria, pela Universo dos Livros Editora Ltda.

- 2010: publicou os livros Manual da Futura Mamãe, Quem Disse Que Cozinha Não é Lugar de Homem e Receitas Naturais pela editora Universo dos Livros. Editou o livro de contos Solidariedade, do autor baiano João Justiniano da Fonseca. Produziu, dirigiu e apresentou uma série de 7 (sete) programas radiofônicos Vila das Artes, na Rádio Boa Nova FM, de Pérola, PR, sobre literatura atual.
- 2012: traduziu, editou e publicou o livro A Origem do Satanismo na Maçonaria, de Arthur Edward Waite.
- 2013: traduziu, editou e publicou em formato eletrônico os livros Carmila, de J Sheridan LeFanu, e Teoria da Esgrima a Cavalos, de Alex Muller, Anjos, o Caminho de Volta, Os Olhos do Carrasco, Novelas de Terror (Volumes I e II) Novelas Policiais (Volumes I a 7) e Novelas de Faroeste (Volumes I a IX) pela Lulu Press, Inc. e Editora Saraiva.
- 1975 até 2015: hoje escreveu mais de 700 livros, publicados em sua maioria em formato de bolso, sobre os mais diferentes assuntos, como: romances, erotismo, palavras cruzadas, charadas, passatempos, literatura infantil, passatempos infantis, horóscopos, esoterismo, simpatias populares, rezas, orações, intenções, anjos, fadas, gnomos, elementais, amuletos, talismãs, estresse, manuais práticos, religião e outros livros de bolso com os mais diversos temas e letras para músicas. Já editou em formato eletrônico mais de 1000 títulos, entre publicações individuais e antologias, de autores de Língua Portuguesa e Espanhola.
- Publicou ao longo dos últimos 40 anos poemas e contos em jornais de circulação regional. Ultimamente, tem traduzido e editado livros eletrônicos e empenhado em editar todos seus títulos em formato eletrônico para serem disponibilizados a seus leitores.

www.acasadomagodasletras.net